

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Editores: FRANCISCO ALVES & C.

Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro.

Rua Libero Badaró, 129 — S. Paulo.

Rua da Bahia, 1055 — Bello Horizonte.

ASSIGNATURAS :

Para o Brasil. um anno 7\$000
União Postal. " " 10\$000

REDACÇÃO : — RUA DA QUITANDA, 72

SUMMARIO

A escola mixta.	Ignacio do Amaral
Liga de bondade.	A. P.
Dr. Afranio Peixoto.	—
Ensino primario.	Alfredo Gomes
Até, e somente até.	F. Cabrita
A festa de Santo Aleixo.	Escragnolle Doria
Analyse das analyses.	Jonathas Serrano
A questão dos pronomes átonos	O. de Souza Reis
Fitas pedagogicas.	Venerando da Graça
Fornecimento de material ás	—
escolas primarias.	—
Justa homenagem.	—

Provas de composição nas clas-	
ses e nos exames finaes.	A. P.
Multiplicação de numeros com-	
postos.	F. Cabrita
Geographia.	O. S. R.
Materialização do ensino.	M. R. C.
O ensino da musica vocal na	
escola.	Arthur Magioli

LIÇÕES E EXERCICIOS

Theatro infantil.	—
---------------------------	---

A ESCOLA MIXTA

Felizmente, já se vai tornando escasso o numero dos que, acreditando na força magica das leis escriptas, dellas esperam a transformação das sociedades, feita a golpes de decretos ou de resoluções governamentais.

Hoje, não são poucos os que reconhecem o caracter relativo das leis, bem comprehendendo que a sua efficacia directamente dependerá do gráo de approximação com que ellas tenham traduzido as relações que o legislador pretendeu apprehender para reduzir ás formulas praticas de um código ou de um regulamento.

Não se inventam leis, — descobrem-se e por esse motivo é que o bom senso tem reconhecido na experimentação a mais segura pedra de toque para a apreciação das construcções dos legisladores.

Esse criterio experimental, que não só permite a verificação de erros e acertos, como tambem sugere valiosas indicações geraes, applicado ao exame da organização do ensino primario de letras deste districto, parece já ter fornecido uma significativa conclusão sobre o typo de instituto mais proprio para a instrução da infancia de um e de outro sexo, indicando a conveniencia do augmento progressivo do numero das escolas mixtas. A experiencia, de facto, parece demonstrar, pela preferencia dada a essa categoria de escolas, mesmo para a educação das crianças do sexo masculino, as vantagens que, sob varios pontos de vista, offerece a educação em commum, de ambos os sexos, na escola primaria.

E' bem significativo para demonstrar essa preferencia, o conhecido caso occorrido em um dos mais populosos bairros desta cidade, onde existia uma escola masculina que o governo municipal foi obrigado a fechar em vista da baixa frequencia, de pouco excedendo a uma duzia de alumnos.

Installada na mesma localidade uma escola mix-

ta, que immediatamente se desenvolveu e prosperou, observou-se a curiosa anomalia de, em dada occasião, a frequencia de alumnos do sexo masculino ser superior á das meninas que cursavam as suas diversas classes.

Não seria muito difficil pesquisar os motivos que dictam a indiscutivel preferencia dos paes de familia pelas escolas mixtas para a educação de seus filhos, preferencia evidenciada por muitos exemplos não menos significativos que o ora citado.

Mas, para dispensar mais largas considerações, basta salientar que a escola primaria, se destinando a supprir uma deficiencia domestica, o pae, obrigado a buscar para seu filho, fóra do lar, o que nelle não pôde obter, naturalmente procura o typo de estabelecimento que mais fielmente reproduza as condições da vida de familia. Ora, essas condições consistem, essencialmente, na direcção materna da educação e primeira instrução dos filhos, que se iniciam na vida sem a preoccupação artificialmente precoce de uma separação de sexos, cuja necessidade só se impõe no advento da adolescencia. E' verdade que as escolas mixtas, mesmo para a infancia, não deixam de apresentar certos riscos, que exigem especial attenção dos educadores, pois que a differença de condições entre a familia e a escola, resultante da differença que existe entre o numero de filhos de um casal e o dos alumnos de uma classe, acarreta complicações para o problema da educação, que a mãe de familia não tem a vencer.

Essas complicações, porém, não determinam difficuldades irremoviveis, não sendo, portanto, de ordem a tirar á escola mixta a cathegoria que, a meu ver, lhe compete de instituto typo para a educação e instrução primaria da infancia.

IGNACIO DO AMARAL.

I — IDEAS E FACTOS

LIGA DE BONDADÉ

O Districto Federal é, com certeza, o unico dos Estados da União que não tem esse espirito regional chamado bairrismo, ás vezes capaz de emulação proficua, muitas outras estreito e pernicioso. Por isso mesmo, não se recusa nunca a ser o sensorio commun, onde vêm ter todas as impressões da periphéria: boas ou más, elle as recolherá, para emenda ou proveito. Desta vez chegaram de Minas, de uma escola de Bello Horizonte, iniciativa digna de imitação.

Leiam os nossos professores e fundem nas suas escolas instituições como esta, cujos estatutos lhes offerecemos:

ESTATUTOS DA "LIGA DE BONDADÉ"

DA DENOMINAÇÃO, FINS E SÉDE DA ASSOCIAÇÃO

Art. 1.º Com a denominação de "Liga de Bondadé", fica creada no grupo escolar "Barão do Rio Branco", onde terá sua séde, uma associação escolar, cujo fim é desenvolver no espirito do creança o amor da bondadé para tudo que vive, ensinar-lhe o horror da violencia e da mentira, a belleza da misericórdia e, ao mesmo tempo, todas as virtudes que formam o caracter, tendo por lemma — bondadé, justiça e piedadé — para com toda creatura viva, inoffensivo, humana ou animal.

Art. 2.º É facultativo aos alumnos a sua inscrição como socios da "Liga de Bondadé".

Art. 3.º É illimitado o numero de socios, podendo adherir á mesma, alumnos de outros estabelecimentos de instrução.

DA ADMINISTRAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Art. 4.º A "Liga de Bondadé" é administrada por duas directorias (meninos e meninas) compostas de:

a) de um director geral; b) de dois presidentes; c) de dois secretarios; d) de dois thesoureiros.

Art. 5.º Todos os membros das directorias serão eleitos por maioria absoluta de votos, durando o mandato um anno lectivo, isto é, até 30 de novembro.

Paraphrasis unico. O director geral será pessoa idonea eleita pelos alumnos por maioria absoluta de votos.

Art. 6.º As eleições terão lugar á hora do recreio do ultimo sabbado de fevereiro e á posse se verificará no dia da 1.ª partida do Club Infantil.

DOS SOCIOS E SEUS DEVERES

Art. 7.º Os socios da "Liga de Bondadé" podem ser contribuintes e benemeritos.

Paraphrasis 1.º São contribuintes os que pagarem a mensalidade de \$100.

Paraphrasis 2.º Benemeritos os que praticarem algum acto de reconhecido valor moral ou que doarem á caixa da "Liga de Bondadé" a quantia de tosoo.

Art. 8.º Os membros da "Liga de Bondadé" são convidados a não deixar passar e a procurar, na escola e fóra da escola, todas as occasiões de intervir em favor de tudo quanto vive ou sofre ou possa ter necessidade de auxilio.

Art. 9.º O membro da "Liga" compromette-se a não mentir e a proceder sempre com a maxima lealdadé e correccão em suas mutuas relações.

Art. 10. Uma caixa collocada na sala de aula recebe as cartas ou communicacões, em que, da maneira mais simples e sem assignatura, são referidos os actos de bondadé praticados por seus membros.

Paraphrasis unico. Esses actos, classificados pela professora, segundo o interesse que apresentam, são commentados á hora da lição de moral.

DO PATRIMONIO E SUA APPLICAÇÃO

Art. 11. O patrimonio será constituído:

a) pelas contribuições pagas pelos socios; b) pelos donativos feitos á "Liga".

Art. 12. Constituem despesas para a "Liga":

a) a acquisição de coupons escolares para os alumnos pobres de optimo procedimento, ou de objectos escolares que não possam ser fornecidos pela caixa do grupo;

b) donativos feitos a asylas de creanças, a escolha dos socios.

DAS ATRIBUIÇÕES DAS DIRECTORIAS

Art. 13. Ao director geral compete:

a) convocar as directorias e presidir a todas as reuniões; b) dirigir a associação.

Art. 14. Ao presidente compete:

a) diffundir a associação;

b) deliberar sobre a entrada de socios;

c) aconselhar aos socios quando não procederem de accordo com os fins da "Liga";

d) distribuir semanalmente pelas salas de aula a correspondencia depositada nas caixas, pelos membros.

Art. 15. Compete ao secretario:

a) fazer toda a escripta da "Liga";

b) lavar as actas das reuniões.

Art. 16. Ao thesoureiro compete: fazer a arrecadação das mensalidades e escriptural-as em livros proprios.

Art. 17. Os thesoureiros deverão entregar mensalmente as importancias arrecadadas, ao director geral, que as depositará em qualquer Banco ou Caixa Economica.

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 18. Haverá reunião geral no dia 20 de novembro e todas as vezes que fór convocada pelo director geral.

Art. 19. Terão seus retratos no salão do grupo, os alumnos que por sua bondadé e exemplar procedimento, forem considerados, pela directoria, dignos dessa honra.

O nosso correspondente, a titulo de documento humano e pedagogico, junta algumas informacões de alumnos, da mais tenra idade, e que dão indicio como a bondadé se pode cultivar activamente, por este estimulo pratico da escola:

— Fiz hoje uma boa acção: o conductor do bond esqueceu-se de cobrar-me a passagem, em chamei-o, entregando-lhe a importancia (alumno do 2.º anno).

— Hoje ajudei minha madrastra a arrumar a casa (2.º anno).

— Lá perto de casa uns meninos estavam quebrando os galhos das arvores, eu falei para não quebrarem (2.º anno).

— Uma pobre velha foi lá em casa pedir uma esmola para alliviar a fome; a criada falou que não tinha, eu tirei e dei (2.º anno).

— Hontem encontrei um pobre que me pediu uma esmola eu dei o dinheiro com que ia comprar um brinquedo (2.º anno).

— Dei um pedaço de pão a um pobre cego (1.º anno).

— Eu vi uma casca de banana no passeio e tirei para fóra (1.º anno).

— Quando eu vinha para o grupo, vi um homem perder \$3000 e lhe entreguei (2.º anno).

— Meu irmão estava batendo em um gato com um pau de zinco e eu falei que não batesse (2.º anno).

— Toquei um cachorro da linha do bond para que elle não morresse sob o bonde (1.º anno).

— Eu vi um menino jogando pedra no passarinho e eu falei quem joga pedra é moleque (1.º anno).

Não é encantador? E não é benemerita a "Liga de Bondadé", que assim faz praticante da virtude a uma geração, educada de tão cedo no habito do bem? Não se dirá mais, se a Liga se propoer como deve, que cet age est sans pitié.

Quanto aos documentos humanos supprehendidos sur le vit, elles devem ser collectados. A Escola Primaria dispõe-se a os guardar e publicar. Só assim, além da observação dos psychologos, se fará um dia "o estudo das crianças", materia essencialmente pedagogica e que constitue assumpto de uma cadeira da Escola Normal.

Esperamos que nos mandem essas provas da candura e perspicacia infantil. Ilustre escriptora contava o outro dia uma, que vem de molde ser repetida. Uma pequenina, de seus quatro annos, foi achada na frente de casa pelos paes, no momento em que, sobraçando uma gallinha, forçava o animal a botar para a rua a cabeça, entre os dois ferros do portão:

— Que é que está fazendo ahí?

— Coitadinha, sempre lá no poleiro, nunca viu um automovel!

A. P.

DR. AFRANIO PEIXOTO

Foi exonerado, a pedido, do cargo de director da Instrução Publica o Dr. Afranio Peixoto. Embora rapida, a passagem de s. s. por este difficil ramo da administração municipal, os vestigios que deixa são indeleveis.

Impossibilitado de agir livremente pelo caracter de interinidade com que exerceu o cargo, mostrou, no entretanto, de um modo indiscutivel, quanto teria a lucrar o ensino primario se lhe fosse dado nelle permanecer.

Fugindo ás praxes estabelecidas de administrar por meio de informacões, procurou de visu conhecer minuciosamente tudo aquillo que se relacionava ao ensino propriamente dito, abandonando as commodidades do gabinete para, incansavel, visitar na companhia dos seus auxiliares, todas as escolas do Districto Federal, diurnas e nocturnas.

Quanto representa este esforço, quer sob o ponto de vista moral, quer sob o ponto de vista material, só poderá avaliar quem, conhecedor profundo das innumeras difficuldades oppostas por toda sorte de embaraços á boa vontade dos que trabalham, tenha experimentado a grande série de dissabores que lhes são reservados.

Ao Dr. Afranio Peixoto coube enfrentar uma tal situação.

Intelligencia de escol, auxiliada por um temperamento de lutador, revestido de certa dóse de optimismo, que torna o seu trato de extrema suavidade, s. s. conseguiu attrahir a dedicacão dos seus auxiliares e delles obter o maximo de trabalho sem o menor esforço.

Conhecedor profundo dos homens e de um tacto admiravel para dirigi-los, fugindo cuidadosamente á preoccupação de mostrar superioridade, o Dr. Afranio Peixoto, foi antes para os que lhe estavam subordinados o companheiro mais velho, o amigo que aconselha do que o chefe autoritario e dominador que dirige.

Neste nivelamento praticado com a maior naturalidade teve s. s. um poderoso elemento de conquista conseguindo dominar e prender mesmo as mais rebeldes naturezas.

Executor de uma reforma a que não prestara o contingente da sua experiencia, da notavel clarividencia com que habitualmente analysa os factos que observa, o illustre demissionario deixa o logar de director da Instrução, quando justamente poderia pôr em pratica as medidas de utilidade requeridas por tudo quanto lhe foi dado ver sobre o ensino primario no Districto Federal.

Prestigiando poderosamente os inspectores escolares cujas funcções teve occasião de verifi-

car quanto são arduas, imprimiu á inspecção das escolas, um caracter de elevação até á presente data jámais attingido, conseguindo obter na execucao de algumas reformas os melhores resultados.

A Escola Primaria, que deve a sua appareição á boa vontade do Dr. Afranio, lastima profundamente ver a instrução do Districto Federal privada de um elemento de tão alto valor, pela sua notavel proficiencia, pelo tino, pela grande capacidade de trabalho que possui, arrancal-a do marasmo em que tem permanecido para eleva-la á posição de destaque a que tem direito.

ENSINO PRIMARIO

No Brasil só de ha duas ou tres dezenas de annos para cá se tem seriamente cuidado do problema do ensino primario: pouco a pouco, a experiencia implantou entre nós e ficará preponderante o methodo da syllabação.

Parecerá talvez ousada semelhante affirmacão; baseia-se, porém, na tradição que se vae estabelecendo, e-maiormente em dados physiologicos iniludiveis.

A criança, ao aprender a ler o que se acha escripto, outra cousa não faz que recapitular pela vista o que adquiriu e lhe impressionou o espirito pela ouvta. Os primeiros vocabulos balbuciosos; disse-os após, por simples syllabas, por monosyllabos; e nem de outro modo pudera ser, dada a fraqueza da attenção infantil, consideradas a debilidade do tenro orgão vocal e a falta de educação do nervo auditivo. Depois dessas primordiales acquisições vocabulares, ainda por eustomia, por commo-didade prolativa, pelo fatal principio do menor esforço, as mesmas syllabas, já conhecidas e repetidas com relativa facilidade, geraram outros vocabulos, ainda muito simples: é o phenomeno a que se deu o nome de tautologia infantil.

Realizada essa segunda série de acquisições vocabulares, já não se limitou o infante, em suas conquistas curiosas, a repetir as mesmas syllabas; antes, de exercicio em exercicio, instinctivamente, associou, combinou os monosyllabos que algo lhe despertavam no espirito curioso; e d'ahi surgiram dissyllabos novos, não tautologicos.

Simple lance d'olhos ao lexico infantil convencer-nos-á dessa verdade: — 1.ª série de vocabulos — syllabas — pá, má, ná, dá, tê, ti, nê, vô, etc., correspondentes a paé, mãé, comida, dormir, cavallo, ou dá (verbo); brinquedo, tio, criança, avô, etc.;

— 2ª série de vocabulos—tautologicos — pá-pá; m̄-mā; má-má; ná-ná; nê-nê; tê-tê; ti-ti; dá-dá; vó-vó, etc.

— 3ª série de vocabulos, dissyllabos não tautologicos ou até meio tautologicos, meio não: bô-ta, boca; pa-pa-to, sapato; mó-de, morde, da-to, gato, etc.

Obvio é que as combinações syllabicas se foram incrementando em numero, diversificando conforme a educação do senso auditivo e órgão vocalico infantil. Isso posto, não parece evidente a essencia do facto prodico e não está a propria natureza a ensinar-nos que se deve ensinar a leitura ás crianças só pelo methodo da syllabação, desde que a escripta não aberre da pronuncia, desde que se não encontrem mestre e discípulo diante de um proteu, como é a graphia britannica, desde que, enfim, a escripta seja, como deve ser, a pintura dos sons?

E, philosophicamente, não é tão curial caminhar do simples para o composto, do incompleto para o completo? Não é muito mais racional e directo sommar, juxtapôr elementos monosyllabicos (dos quaes muitos por si só são vocabulos idiomáticos), para levar a criança ao aprendizado de vocabulos novos polysyllabicos, do que propôr-lhe de chofre um polysyllabo e, forçando-a a maior attenção e sagacidade, dobrar o espirito infantil a partir o termo proposto e a isolar os seus elementos physiologicos componentes?

O que posso affirmar por experiencia propria é que, mediante a syllabação, em tres mezes se faz ler correntemente a uma criança intelligente, o que só é possível com prodigios por qualquer outro methodo.

Todavia, em S. Paulo, o systema da palavrção tem conquistado adeptos e o exemplo do futuro e florecente Estado chegou a provocar aqui no Rio de Janeiro varias tentativas nesse sentido, as quaes, ao que me consta, abortaram, em virtude dos resultados falhos que produziram.

Taes experiencias ficaram assim envoltas em silencio e quasi desconhecidas até o anno passado, em que, por iniciativa do illustrado director da Escola Normal então — o dr. Afranio Peixoto, foi deliberado applicar-se o methodo da palavrção (e até o da sentencição) em uma das classes de leitura da Escola de Applicação. O novo ensaio foi coroado de tal ou qual exito, o que, talvez erradamente, attribuo á grande

aptidão pedagogica e carinho de uma das mais habéis docentes adjunctas, encarregada de applicar o methodo.

Só nessas condições, creio, possa a palavrção realizar as esperanças que alguns mestres illustres nella depositam.

Seja ou não exacta a minha convicção, adoptado tal methodo, deve o professor partir sempre do mais simples e proceder na ordem crescente das difficuldades, servindo-se de termos, cuja significação esteja ao alcance das intelligencias infantis e proscendendo os termos que não achem cabida nas simples relações, ainda tão pouco extensas, que constituem a existencia intellectual das crianças.

Só depois de aprendidas as palavrças é de regra applical-as á formação de proposições curtas, breves, em que ellas entrem. Dessa fórma se convencerá a criança de que aprendeu noções que têm natural emprego em sentidos, em phrases que podem representar idéas e sentimentos curiosos, analogos aos seus. D'ahi lhe provirá estímulo crescente, vendo retribuido o trabalho feito com a satisfação, que de certo experimentará, sentindo-se apta para tentar a leitura de phrases inteiras, contidas nos jornaes e livros, quotidianamente manuseados por seus paes.

Eis como a palavrção deslisa insensivelmente para a sentencição que outra cousa não é senão a natural ampliação daquelle methodo, como se verá em outro artigo.

ALFREDO GOMES.

ATÉ, E SOMENTE ATÉ

Porque attendi a antigas discipulas, hoje distinctas colleguinhas, si deveriam dizer *todo o numero* ou simplesmente *todo numero*; porque, pondo a livraria abaixo, consegui falar-lhes sobre essa nugá grammatical sem muito tartamelear, entendeu uma dellas que podia ser minha consulente e... zás: "Até o fim da pagina ou até ao fim da pagina? Como deverá "dizer-se", pergunta-me.

Não, minha gentil colleguinha; não me atrevo, nem me arrisco a abrir consultorio. A pathologia grammatical é, por demais complicada, terrível o microbio pathogeno-linguistico, eminentemente contagioso o estaphylococco syntactico, a prophylaxia difficilima, e a therapeutica a aconselhar... essa então!... E não esjou a dizer nenhuma tolice

A lingua é um organismo vivo. Este aphorismo não sei quem o formulou. Posso, porém,

affirmar-lhe que já era corrente, antes da *Vida da Linguagem* de Whitney (1875) e muito antes da *Vida das Palavrças* de Darmsteter (1887). Já era, affirmam todos os que neste assumpto se têm aprofundado, um theorema tão demonstravel como o do quadrado da hypotenusa. E a linguistica pertence ao grupo das sciencias naturaes desde Schleicher em meados do seculo passado.

Mas, tornando ao thema da sua duvida, na realidade, minha colleguinha, para que obrigar a gente a dizer, sem necessidade, enchendo a boca: *até ao fim, até ao caes, até aos cotovellos*? Pois não é tão suave e até tão expressivo *até o fim, até o caes, até os cotovellos*?

Quem diz *até á avenida, até ao domingo que vem*, deveria tambem dizer *até a serem pisadas, até a morrer, até a além do muro, até a logo de tarde*, e assim por diante.

E' que tudo vae com a moda, e a moda não pegou por inteiro.

Não é para acompanhar a moda, que a sua vizinha (não a colleguinha, mas a sua vizinha) leva horas esquecidas a narcizar-se ao espelho?

E', e bem sabe donde nos vem toda moda. (Olhe que é *toda moda e não toda a moda*).

Sim. Vem de Paris. Mas, os francezes têm lá a sua razão para juntar as duas proposições:

jusque+à=jusqu'à

Elles não só dizem *jusqu'à la mort* (até a a morte), *jusqu'au tombeau* (até a o tumulo), como dizem *jusqu'à mourir* (até a morrer), *jusques à quand* (até a quando). São coherentes.

O *jusque* ou *jusques*, delles, vem direitinho do latim: *usque*. Mas, esse *usque* latino, que corresponde precisamente ao nosso *até*, vem em geral acompanhado de outra proposição: *ad*, que corresponde á proposição *a* em portuguez; por isto elles dizem, com razão: *até a*, e não *até* somente.

Usque ad senectutem: jusqu'à la vieillesse.

Usque ad extremum diem: jusqu'au dernier jour.

Mas, o nosso *até* não vem, nem pôde vir de *usque*. Verdade é que Ménage, celebre etymologista francez do seculo XVII, de *mus*, que é o *rato* latino, fez *ratus* e d'ahi o *rat* francez e o velho *rato* da antiga metropole, que Deus haja em santa gloria e ocio.

Dizem os entendidos que o nosso *até* vem de *hâctenus*; o que só se poderia acreditar com um pouco de boa vontade, si o accento tonico desse uma cambalhota e viesse para cima do *e*, obrigando-nos a dizer *hâctenus*; inda assim... eu não poria a mão no fogo por este étymo, e comigo muita gente fina.

Mesmo vindo de *hâctenus* não se justifica a presença da proposição *a* depois de *até*. *Hactenus* é adverbio; é o *jusqu'ici*, *jusque là* dos francezes; composto de *hac* (outro adverbio que significa *por aqui*) + *tenus* (proposição que significa *até* e que só é usada depois dos ablativos que ella rege, como em *capulo tenuis*, até o cabo. Assim ensinava a celebre e fecunda *Artinha* do padre Antonio Pereira). *Hactenus* não contem,

portanto, a proposição *a*, nem traz, em caso algum, como o *usque*, o *ad* posposto.

Mas, quando os camaradas das etymologias não encontram furo no latim, nem no grego (onde seria inutil procurar o étymo de até) vão, sabe aonde?

Ao arabe, cuja influencia sobre os lexicos portuguez e hespanhol foi bem sensível no periodo embryonario dessas linguas.

E deixe lá. A ser exacto que já houve em portuguez *atem*, *atens*, *attá*, *atás*, *ata*, *tá*, e que tudo isto simplificado deu *até*, ou, reduzido á expressão mais simples, deu *té*; a ser exacto que em arabe *até* é *atá*, não parece mal achado esse étymo, principalmente quando se reflecte que ha tambem em castelhano a proposição archaica *ata*, correspondente ao *hasta* de hoje (=até), como attesta o *Nuevo Diccionario de la lengua castellana*, por Miguel de Toro y Gómez (5ª. ed. 1909).

Que houve em portuguez, ainda do seculo XII, *ata* por *até*, e correspondendo ao *usque* latino, prova-o o documento que se lê ás pag. 398 da *Selecta de Aulette* (ed. do Porto, de 1897), selecta que anda por ahi aos centos.

O trecho portuguez vem ahi ao lado do de latim e vê-se o *usque* seguido da proposição *in* (*in illo ulmar*) e o *ata* sem outra proposição (*ata aquelle ulmar*, isto é, até aquelle ulmeiro).

Este étymo mussulmano, porém, não deixa fresta alguma por onde se possa loibrigar o tal *a* que forçam a acompanhar o *até*.

"Antigamente, até o seculo XVII" — ensina Epiphanio Dias no *Registro Philologico*, em que terminam seus eruditissimos commentarios a *Os Lusíadas de Luis de Camões* — só se dizia... assim, como elle disse: "*até o seculo*", e não *até ao seculo*; no seculo XVII principia a apparecer *até a* com o artigo feminino (*até á*, *até ás*) e só posteriormente tambem com artigo masculino (*até ao*, *até aos*); mas (quem ensina ainda, minha gentil colleguinha, é Epiphanio Dias) "os escriptores mais aprimorados observam a prática antiga". E lá vem no alludido *Registo* uma catterva de exemplos, que termina por varios colhidos nas obras primas do grande Alexandre Herculano, que tanto brilho deu ás letras portuguezas do seculo 19.

Agora, para terminar, minha cara colleguinha, medite comigo um pouco sobre a seguinte coincidencia. Foi exactamente no referido seculo XVII, que a subservencia ao gosto francez dominou na literatura portugueza. A poetica de Boileau, as tragedias philosophicas de Voltaire, quasi todo o theatro de Racine, as melhores comedias de Molière, tudo se traduziu para o portuguez (1). Nessa quadra da vida da lingua, affirma Epiphanio, foi que surgiu o *até a*.

Pois bem; a mim parece-me (vá esta por minha conta) que surgiu como traducção literal do *jusqu'à=jusque+à*.

Portanto, *até a*, além de pleonasmio inutil, é gallicismo dispensavel.

F. CABRITA.

(1) Theophilo Braga — *Manual da Historia da Literatura Portugueza*. Porto, 1875. Pag. 450.

A FESTA DE SANTO ALEIXO

Segundo os eruditos, S. Aleixo, honrado tanto pela igreja romana como pela grega, teve berço egregio. Filho de um senador de Roma, os paes o forçaram a desposar uma moça de condição illustrissima, que deixou, na propria noite nupcial, para se consagrar a Deus. Laodicéa, Edessa, a Asia Menor o viram, miseravel, entre pobres, desconhecido.

Tendo embarcado para ir a Tarso, ventos contrarios o repelliram para a Italia. Regressou a Roma e pediu asylo, na propria casa paterna onde ninguém o conheceu. Ahí viveu obscuramente n'um canto, como durante muito tempo sob o portico de um templo de Edessa. Alimentava-se com os restos da mesa paterna e os criados do pae, no fim de contas os famulos de Aleixo, o crivavam de zombarias, porque criado ha de ser sempre hostil a mendigos.

Morreu. Só então sobre Aleixo se encontrou um pergaminho no qual tivera o cuidado de escrever a sua historia. Falleceu cerca de 412.

A lenda de S. Aleixo popularizou-se sobremaneira, no Oriente e no Occidente, na constancia da idade media, propicia a lendas.

A Acta Santorum dos Bollandistas, Gaston Paris na *Romania*, Antoine Thomas na *Grande Encyclopedie*, mostram eruditamente como se gerou e como se espalhou a lenda de S. Aleixo.

Encontramos o santo no Brasil, no primeiro reinado, veneradissimo, desde o tempo de D. João VI, como padroeiro das escolas primarias.

A 17 de Julho, dia da festa de S. Aleixo, os alumnos das escolas primarias reuniam-se e procedia-se, em cada escola, a concurso original. Os escolares escreviam, o melhor possivel, e iam para a porta da rua esperar transeuntes. Exhibiam-lhes as provas calligraphicas e os transeuntes, com um alfinete, picavam a mais perfeita, no seu sentir de juizes improvisados e ambulantes. Em cada escola, a prova calligraphica mais picada conferia ao vencedor o titulo de imperador ou de imperatriz, conforme o sexo. Ao imperador ou á imperatriz cabia offerecer um baile ou um chá aos collegas vencidos e toca a esperar o proximo 17 de Julho, o futuro S. Aleixo.

ESCAGNOLLE DORIA.

A ANALYSE DAS ANALYSES

A palavra analyse significa "decomposição de um todo em suas partes". E' um processo que consiste em partir do composto para chegar ao simples; ou, mais geralmente, em ir do mais ao menos complexo.

Considerando um trecho qualquer de leitura, analisa-lo é decompo-lo, é separar-lhe os elementos componentes, afim de melhor apreciar o nexó que existe entre elles e assim penetrar no amago da propria phrase. Como bem diz o professor Carlos Goes: "A analyse é a chave que abre á percepção e ao entendimento as portas vedadas do estylo".

"Analysar não é simplesmente dividir um todo em duas ou mais partes *homogeneas* e *integrantes*, é dividil-o em suas partes *heterogeneas* e *componentes*. Tanto o açougueiro como o anatomista cortam e separam, mas só o segundo *analisa* e *dissecta*; e a creança nem *analisa* o seu relogio fazendo-o em cacos, nem *analisa* a *Illiado*, rasgando-lhe as folhas."

"...Todas as sciencias praticam a analyse. O chimico, ao decompor as substancias; o anatomista, ao dissecar um orgão; o mecanico, ao desarmar uma machina; o botanico, ao examinar separadamente as diversas partes da flor; o psychologo, que distingue n'alma os phenomenos de intelligencia, de sensibilidade e de vontade; o literato, que sabe tirar de uma tragedia as idéas que a compõem; o geometra, ao reduzir o estudo dos solidos ao das superficies que os limitam, e o das superficies ao das linhas. — todos fazem analyses..." (LAHR.)

A synthese é "a recomposição do todo decomposto pela analyse. Sua necessidade é obvia; não basta conhecer minuciosamente as diferentes partes de um objecto; é preciso ainda apprehender-lhes as relações reciprocas e qual a parte de cada um na acção conjuncta. Por isso, após haver decomposto o todo por analyse, cumprenos reconstituir-o por synthese; isto é, depois de ter considerado cada um dos seus elementos componentes e verificado o papel que elle lhe representa no conjuncto, é preciso considerar o proprio conjuncto. E' como si nos achassemos ante um bello quadro, em que se representasse uma scena com muitas personagens: á primeira vista a impressão que nos produz o todo é mais ou menos confusa; pouco a pouco, a olhar melhor para cada uma das figuras representadas, vamos descobrindo aspectos novos que não nos tinham ferido a attenção; emfim temos uma idéa total do quadro, já agora bem superior á primeira, porque muito mais rica e exacta.

Qualquer trecho, para ser devidamente apreciado, exige cuidadosa analyse. A simples leitura superficial não basta para que se apprehenda tudo quanto pode encerrar um texto. Quem lê a correr é qual o viajante que atravessa campinas, prados, valles pittorescos a 90 kilometros por hora, mal podendo olhar a paisagem que rapida lhe foge.

Ha diversos processos de analyse, desde o mais simples e elemental, que consiste em examinar separadamente cada uma das palavras da phrase

para determinar a que categoria grammatical pertence, e isto é o que vulgarmente se denomina *analyse grammatical* (ou *lexica*); até á analyse propriamente *literaria* do trecho, que permite classificar-o entre os diferentes generos de prosa ou verso, sublinhar-lhe os primores de expressão, força das imagens, a finura psychologica, tudo emfim quanto caracteriza um estylo e consagra um escriptor.

Entre as duas ha logar para o que por ahí se chama, indifferentemente ás vezes, de analyse *syntactica* ou analyse *logica*. *Syntactica*, sim, emquanto fôr apenas a pesquisa das relações e ordenação das palavras entre si, ou da construção, ligação e disposição das orações. *Logica*, porém, quando tiver por objecto indagar da verdade ou da força dos argumentos, da exactidão ou inexactidão dos juizos, da propriedade ou impropriedade dos termos.

Temos, pois, quatro processos possiveis de analyse:

- a) analyse lexica
- b) " syntactica
- c) " logica
- d) " literaria

Sem o conhecimento prévio da analyse lexica não é possivel começar com proveito o estudo da analyse syntactica, não obstante algumas opiniões divergentes. Quem não sabe distinguir um substantivo de um verbo, ou um adjectivo de um pronome, não pôde com firmeza dividir, nem muito menos classificar orações. A analyse logica supõe as anteriores, porque para comprehender a verdade do trecho, ou para lhe refutar os erros, é mister que avaliemos exactamente cada uma de suas partes e saibamos bem quaes as relações entre ellas existentes. Por maioria de razão a analyse literaria exige o conhecimento das outras tres.

A leitura *definitiva* do trecho poderá então dar uma idéa completa delle, em toda a sua verdade e em toda a sua belleza.

(Do Livro "A Arte da Palavra", inédito.)

JONATHAS SERRANO.

A QUESTÃO DOS PRONOMES ATONOS

Confesso que, ao lançar ao papel o titulo que epigrapha estas linhas, sinto um certo vexame, como se já ouvisse a interrogação de censura: — Mais um?

Na verdade, tantos artigos se têm escripto sobre o assumpto, tão cerradas têm sido as ceulemas entre grammaticos e profissionaes das letras em torno desta questão, que não viria eu, senão chamado, repisar a materia.

Devo, porém, a algumas prezadas discipulas, que em mim confiaram, palavras de segurança e apoio, pois que ainda encontram, de vez em quando, quem acoime de menos verdadeiros, princípios que o bom senso já não pôde discurrir.

Regras e regrinhas que determinem a collocação certa dos pronomes complementos existem com abundancia e até excesso, mas são quasi sempre os seus autores os proprios que a transgridem, algumas vezes na mesma pagina, em que as ensinam...

Não as aumentarei; ao contrario, quero apenas chamar a attenção para alguns exageros de rigor, que vêm a descambar em falsas theorias. Para isto terei unicamente de me reportar ao estudo magistralmente feito pelo eminente professor Said Ali, a quem tanto devem os que se interessam pela lingua materna. O artigo referente á collocação dos pronomes pessoas na linguagem corrente, que vem a pags. 29 e seguintes do livro *Difficuldades da Lingua Portuguesa* é daquellas obras que merecem grande e ponderada reflexão. Não o vejo, entretanto tão lido e conhecido dos nossos estudiosos professores, que dispense a minha divulgação.

Foi esse caro amigo e mestre quem pela primeira vez desvelou o verdadeiro segredo da intrincada questão, examinando-a á luz da phonetica.

O artigo em que o fez appareceu em 1895 na *Revista Brasileira* e foi depois incorporado ao precioso livro a que me referi, e que sahiu á luz em 1908. Algum tempo depois tambem o Sr. Candido de Figueiredo abordou o assumpto em um volume publicado em 1909, sob o titulo *O Problema da Collocação de Pronomes*, sem que todavia conseguisse formular uma theoria razoavel.

Concluindo o seu artigo, assim se exprime o eminente philologo brasileiro:

"Para terminar o presente estudo, podemos resumir em poucas palavras as conclusões a que nos levam os factos observados:

Na linguagem corrente de Portugal, os pronomes pessoas complementos collocam-se normalmente depois do verbo; podem, no entanto, deslocar-se. E dessa deslocação, effectua-se em virtude de uma lei phonetica, a saber: quando não ha pausa, depois da palavra, que precede o verbo, o pronome atono passa a interpôr-se, ou seja para amparar o primeiro vocabulo se tiver pronuncia fraca, ou para fazel-o sobresahir emphaticamente se tiver intonação propria. As excepções apparentes são devidas á interferencia de outras leis.

Com os elementos fornecidos pela phonetica, pôde a syntaxe dar uma regra de anteposição do pronome, segundo o falar lusitano, comtanto que a cinja a orações de verbo finito:

"O pronome atono antepõe-se ao verbo nas frases negativas, nas interrogativas que comecem por pronome de interrogação ou particula interrogativa e nas subordinadas (com algumas excepções).

"Outros quaesquer preceitos de anteposição, além deste, seriam erroneos, vagos ou deficientes, visto que o modo de collocar nos demais casos depende de condições de pronuncia alheios ao alcance da syntaxe.

"Accrescente-se a esta regra que o discurso não deve começar por pronome atono, que no futuro e condicional a preposição é substituida pela interposição, e que nos tempos compostos o pronome é enclitico do auxiliar e não do particípio passado, e teremos mencionado as regras praticas em que nos podemos fiar.

Ficam portanto sem valor as duas regrinhas que por ahí andam, e que determinam a anteposição, ou proclise, quando vier claro o sujeito, pronome pessoal ou demonstrativo, e depois de qualquer adverbio ou de expressão circumstanciaes de tempo, modo, quantidade e logar.

Estas duas famosas regras perdem completamente a razão desde que leiam os bons escriptores portuguezes. Said Ali refere como mostra alguns exemplos, extrahidos de autores de varias épocas:

Eu rio-me daquillo (Gil Vicente, *Os fisicos*).
Elles crucificaram-n'o, nós adoramol-o (Vieira, *Sermões*).

Mas nós lavamo-nos desta desgraça (Vieira, *ib.*).

Eu encaminhei-me sósinho para o Calpe (Herculano, *Eurico*).

Eu amava-te muito (Herculano, *ib.*).

Ha entre nós um abysmo: tu o abriste, eu precipitei-me nelle (Herc. *ib.*).

Vossa paternidade e eu enganamo-nos um com o outro (Rebello da Silva, *Mocidade de D. João V*).

Eu inclino-me a crel-o (Camillo, *Bohemia do Espirito*).

Ela ergueu-se de um salto (Eça de Queiroz, *Crime do Padre Amaro*).

e outros muitos. Em numerosos casos, porém, acerta a regra. E' que o problema não é de syntaxe, mas de phonetica, é uma questão de ouvido. O pronome sujeito quando é pronunciado, com certa emphase, bem accentuado, não necessita de ser amparado pelo pronome atono complemento; quando o não é, exige a anteposição. Resume-se tudo nisto.

Exemplos que contradizem a regra da anteposição determinada pelos adverbios e expressões circumstanciaes, refere-os também numerosissimos, no seu livro, o sabio professor do Collegio Pedro II e da Escola do Estado Maior. Delles escolhemos alguns bem característicos: *Duma janella do aposento descortinava-se a bahia do Tejo* (Herculano, *Monge de Cister*). *Por fim veio-me uma boa idéa* (Herc. *ib.*). *Depois encaminhou-se para a porta da alcova e disse: Irman!* (Herc. *ib.*).

Então parece-me ouvir muito ao longe um choro sentido (Herc. *Eurico*).

Cá diz-se que é melhor sermos nós vassallos da corôa... lá faz-se valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos (Rebello da Silva, *Mocidade de D. João V*).

Os exemplos contrarios são também numerosos. E' que depois dos adverbios e locuções adverbias ora fazemos pausa, ora a pronuncia é ligada. Quando se faz pausa, a collocação normal é a enclitica; quando ha pronuncia ligada á proclitica, porque neste caso o pronome ampara-se ao adverbio.

"Comprehende-se pois, diz ainda Said Ali, a collocação pronominal em exemplos anteriormente citados, em que as pausas naturaes se marcam como vamos vêr: *então, | pareceu-me ouvir | muito ao longe | um choro sentido*. || *Depois | encaminhou-se | para a porta da alcova*. || *Cá | diz-se que é melhor | sermos nós | vassallos da corôa... || lá | faz-se valer | o perigo, | o sacrificio | a que nos expomos*. || Entretanto, em outras frases os mesmos adverbios requerem outra construcção. Dizem os Portuguezes: *cá me tens*, || *já se vê | que isto é assim* || porque ahi não poderiam pausar: *cá | me tens || já | se vê*, etc., donde resultariam *cá tens-me, já vê-se*, construcções intoleraveis ao ouvido lusitano."

A estas duas famosas regras fez por suas pro-

prias mãos a justiça merecida um erudito grammaticographo, que as mencionou como "cousa certa. E' o Sr. Maximino Maciel, que, em sua *Grammatica Descriptiva*, assim se exprime:

"Além dessas duas causas primordiales (proposições negativas e proposições subordinadas) a proclise sempre ocorre: a) nos verbos precedidos de adverbio ou expressão equivalente; b) no verbo cujo sujeito fôr pronome pessoal, principalmente nos pronominaes." E logo depois acrescenta: "Nestes dous casos a proclise não é muito de regir; pôde, pois, occorrer outra modalidade synclitica." Como exemplo cita: "*Out'ora escreviam-se, cortavam-se ao longe*". "Lá converteu-se numa cousa insignificante e impertinente.", tirados de Latino Coelho e Herculano.

Como explicar esta singularidade: a proclise sempre ocorre, mas não é de rigor por que se pôde construir de outro modo?

A phonetica só nos permite ter como cousa fixa aquelles preceitos que citámos. Note-se, porém, que se trata da pronuncia lusitana, em que os pronomes complementos são realmente atonos. Para o Brasil, onde não se pronuncia *om' l' s'* como em Portugal, mas *mê tê sê ou mi ti si*, é natural que não vigorem as mesmas leis: povo não dá aos pronomes a mesma collocação que lhes attribuem os Portuguezes. Isto reconhece-se, mas deve-se combater, dentro dos limites do possivel. Nós, que ensinamos, aos nossos discipulos não imporemos a pronuncia absolutamente lusitana, mas tratamos de lhes ensinar a exacta collocação dos pronomes segundo o falar historico, ainda que imbuidos de uma larguissima tolerancia. O que não se pôde tolerar na escola é aquella exagerada facilidade que professa, por exemplo, o erudito professor Silva Ramos. Recusava-se ha pouco este grande estudioso da nossa lingua a considerar erro, em provas que juntos corrigiamos construcções como estas, totalmente extravagantes: *o que passou-se, porque deu-se*. E' levar muito longe as suas convicções.

Será por ventura toleravel a própria pronuncia brasileira dos pronomes? Quer-me parecer que não: se não devemos exigir a dicção puramente portugueza, também não é licito deixar de emendar a pronuncia: *me deu, tê vejo*, etc.

A um philologo como o Dr. Silva Ramos é licito defender os paradoxos, porque a sua sciencia observa os factos da lingua e registra-os, por mais absurdos que sejam. Os que têm a seu cargo a instrucção da criança não podem, porém, deixar tão amplas liberdades ao arbitrio, pois têm por dever a defesa das fórmas historicas da lingua emquanto são vivas. Fazem como se faz a um ente querido, enfermo: dão-se-lhe todos os cuidados para que viva, e viva em saúde, mas uma vez morto, enterra-se.

Defendemos a linguagem pura, tal como a usaram os grandes escriptores. A corrupção vae pouco a pouco destruindo fórmas, que se substituem ou se modificam: a nossa defesa continúa emquanto as fórmas são vivas, mas depois de totalmente vencidas devem estas ser postas de lado.

Pôde ser que amanhã sejam vencedoras fórmas como estas: *Quem esforçou-se mais? Foi o que sacrificou-se e outras*, mas, por emquanto, devemos combatel-as.

A collocação do pronome quando se tratar de

orações cujo verbo se ache em modo infinito é estudado a ser feito depois e igualmente direi a respeito da collocação dos pronomes na lingua-gem dos literatos do Brasil e na do povo.

Basta, por emquanto, recordar ainda uma vez que, nas orações de verbo finito, só é obrigatoria a anteposição do pronome, segundo o falar lusitano, nos seguintes casos:

1° Nas frases negativas: *Não te chamei; Nunca me viste; Nem nós disse*.

2° Nas interrogativas que comecem por palavra interrogativa: *Quem te disse? Que se passou? e até nas inferrogações indirectas: Quero saber quem te contou isto*.

3° Nas subordinativas, seja o connectivo um pronome relativo ou seja uma das conjunções de 2° classe: *O homem que me salvou; Vê si te levantas; Foste punido porque te recusaste*, etc.

As subordinativas comportam algumas excepções, principalmente quando a palavra subordinativa vem separada e muito longe do verbo, como no seguinte exemplo: *Note-se que, quando o sol deixa vivamente, essa cortina contrae-se derredor della* (Ruy Barbosa, trad. das Lições de Coisas).

O. DE SOUZA REIS.

FITAS PEDAGOGICAS

Certo, perguntará o leitor: — que são "Fitas Pedagogicas"?

E nós lhe responderemos: — são films cinematographicos a que denominámos "Fitas Pedagogicas" e cujos fins são: educar, instruir, recrear e proteger a creança.

Todos sabem, principalmente os que se dedicam ao magisterio, que o ensino só pôde ser proveitoso quando o alumno por elle se interessa. Despertar esse interesse é uma das grandes difficuldades com que lutam professores e mestres. Ha necessidade de usarem meios e processos que prendam a attenção do alumno sobre o objecto da lição, e nem todos o conseguem porque necessario se torna possuir vocação e habilitação especiaes. Além disso, embora a attenção seja attrahida, o ensino, por sua subjectividade, nem sempre desperta o entendimento do alumno: elle não tem, na maioria dos casos, uma noção concreta do objecto estudado. Faltam imagens vivas, pela observação das quaes o alumno possa conhecer a fórma, os detalhes e os efeitos do que constitue motivo de seus estudos.

E' sabido que o ensino pela imagem viva ou movel é o melhor; é o que melhor fala ao entendimento, razão por que sendo elle feito por meio de films cinematographicos é de mais rapidos e seguros resultados. Neste caso elle possui duas virtudes: — prende e desperta a attenção do alumno e objectiva todo o assumpto da lição dada. Isto em se tratando de films propriamente ditos instructivos.

Na educação moral, não é menos importante o valor dos films.

A educação moral mais util e de resultados mais promptos é aquella que se dirige directamente á sentimentalidade do individuo, já educando-a, já desenvolvendo-a para o bem.

Para isto se conseguir cumpre acorciar essa sentimentalidade e sacudil-a por meio de emoções. E nada melhor para alcançar o fim desejado do que acompanhar em um film cinematographico o desenrolar de qualquer sce-

na, — de fundo moral puro e são. Ahi as personagens têm movimento, acção, vida. Acompanha-se o desenvolvimento de todas as scenas com interesse crescente. A sentimentalidade é despertada fortemente.

Esse interesse estimula, activa a circulação geral, e principalmente a cerebral. As cellulas cerebraes são por isso melhormente irrigadas, e esse facto concorre poderosamente para que ellas sejam facilmente impressionadas e conservem por longo tempo as imagens que as impressionaram.

E' sabido que uma boa circulação é um poderoso auxiliar da memoria, porque as cellulas cerebraes, quanto mais bem irrigadas, tanto maior poder de aquisição adquirem. E nada melhor para activar a circulação do que as emoções — quaesquer que sejam.

O que se precisa fazer é a escolha das emoções. E' preciso fazer rir, mas ás vezes é necessario tambem fazer chorar. Olhos seccos são symptoma de alma tambem secca.

As emoções, porém, nunca devem despertar raiva, rancor, odio ou desejo de vingança, pois o fim a que se destinam outro não é senão conduzir a sentimentalidade do individuo ao committimento de actos de nobreza e de dignidade.

E como todas as emoções se dirigem e fazem sentir no cerebro, o educador deve ter todo o cuidado em fazer que o cerebro funcione regular e harmonicamente.

Podemos considerar o nosso cerebro como uma verdadeira machina photographica, do qual os órgãos dos sentidos são a objectiva; as cellulas cerebraes, as chapas photographicas a serem impressionadas, e a memoria o grande revelador por excellencia.

E' ella que se encarrega de revelar o que se contem nas chapas cerebraes: — nas cellulas.

A essa revelação se dá o nome de — Lembrança. Não basta, porém, que a cellula seja impressionada, é necessario que a imagem nos seja revelada quando della precisamos. Temos necessidade de nos lembrar das imagens que impressionaram as nossas cellulas cerebraes. Mas a lembrança está na razão directa da impressão. Se a impressão ficou bem nitida a revelação tambem se fará com nitidez. E como as impressões mais nítidas e que mais perduram são aquellas que affectam directamente a objectiva visual: — os olhos, comprehende-se a razão por que os films cinematographicos são um poderoso ou digamos — o melhor auxiliar da educação e do ensino.

Os films que constituem a primeira série das "Fitas Pedagogicas", já foram impressionados sob a direcção do abaixo assignado e do inspector escolar Dr. Fabio Luz.

Consta essa primeira série de 4 films:

1° — *A Prefeitura*.

2° — *O Livro de Carlinhos* (Drama em quatro partes).

3° — *Façanhas de Lulú* (scena comica).

4° — *Uma lição de Historia Natural no Jardim Zoologico*.

A exhibição destes films já tem sido feita em alguns cinemas desta capital.

Rio, 19 de Janeiro de 1917.

VENERANDO DA GRAÇA.

Inspector escolar

FORNECIMENTO DE MATERIAL ÀS ESCOLAS PRIMARIAS

Approxima-se a época legal da abertura de novas escolas primarias e não nos encontramos aparelhados para regular funcionamento de suas aulas.

A disposição do Conselho, que alterou em 1916 o processo de fornecimento de material, tirando aos professores a consignação para tal fim destinada trouxe, incontestavelmente, grande prejuizo ao ensino, provada perturbação nas escolas, como foram unanimes em attestar os inspectores escolares.

Varios motivos parece haverem determinado o administrador a pedir fosse alterado o regimen anterior; infelizmente, porém, mais uma vez não foram consultados aquellos que têm maior experiencia e maiores responsabilidades no que se refere ao ensino — os inspectores escolares, os representantes da Directoria Geral junto aos professores primarios.

E' possível, e inacreditavel não julgamos certamente, que nem sempre fosse, com todo o escrupulo, gasta a importancia recebida por alguns professores; é mesmo bem possível, não o contestamos, que falso e sujeito a erros fosse o criterio da media encontrada pelos inspectores em suas visitas mensaes; é possível, sim, mas de todas as garantias se deve cercar a administração para bem zelar os interesses materiaes da Prefeitura, e da maxima energia para reprimir abusos e fraquezas da parte de pessoas com séria responsabilidade moral.

A inspecção, todos o sabem, pôde sempre, sem perseguir nem ferir melindres, exercer suas delicadas funções na escola primaria desde que encontre o apoio que lhe não deve faltar da parte da Directoria Geral.

Seria aliás uma grande injuria lançada sobre toda uma classe digna e trabalhadora pensar que muitos eram taes casos. O zelo, a dedicação e talvez mesmo o amor proprio e a vaidade do magisterio feminino, concorriam para que o processo adoptado até 1915 lhe trouxesse prejuizos: a despeza não raro excedia á receita e jamais pedido houve de indemnisação...

Ha uma objecção todavia: a preocupação da media mensal, calculada pela frequencia encontrada nas visitas, si alguma vez poderia prejudicar o professor, que não via com bons olhos a entrada do inspector nas escolas, em determinados dias, taes como outr'ora a quinta-feira, quando um feriado occorria na semana, o sabbado, sempre de frequencia baixa, os dias chuvosos e os santificados, outras vezes permittia abusos conhecidos, taes como visível e prodigiosa multiplicação de alumnos para augmento de frequencia, illudindo-se ou procurando-se illudir a inspecção, que, si condescendente, cumplice vinha a ser de graves irregularidades.

E, para não serem lesados os cofres municipaes, e porque só ousa realmente abusar quem bem amparado se sente, e neste caso recio houve de medidas energicas, porém de tão facil execução,

mais simples, mais economico pareceu chamar ao Almojarifado a obrigação de fornecer material às escolas.

E o Almojarifado, desaparelhado para tal fim, dirigido por pessoa honesta e bem intencionada, mas sem pratica e sem o indispensavel conhecimento que tão delicadas funções exigem, desenvolveu a possivel actividade, que a todos se afigurou nenhuma, porque mais de trezentas eram as escolas a reclamarem e aos milhares os alumnos sem o indispensavel para os seus trabalhos!

Mas, como as escolas dirigidas por professores zelosos e previdentes dispunham de algum material, que lhes ficara de 1915, houve possibilidade de alguma cousa se fazer no primeiro trimestre do anno lectivo.

Choveram, logo, porém, as reclamações. Falta-va um tudo: material para a limpeza das casas e dos moveis, copos, toalhas, papel, lapis, penna, tinta, ardozias, uma infinidade de cousas cujos nomes com razão figuravam nos impressos para pedidos...

E só vagarosamente, para o que de urgente se fazia, foram as escolas recebendo alguma cousa, de inferior qualidade, aliás, do que talvez de peor havia no mercado e adquirido por preço excessivo, mas, oh! surpresa, muitas vezes não o solicitado, e o que apparecia com engraçadas reduções, *explícadas pelas condições anormaes do commercio, em consequencia da guerra.*

E, assim, atravessámos o anno de 1916, com a natural irritação dos professores, continuas reclamações de paes de alumnos, energicos protestos da inspecção escolar e fundo desgosto da direcção superior do ensino.

E, assim, por isso, foi muito logicamente suprimido o ensino de trabalhos manuaes, tanto para o sexo masculino como para o feminino, em escolas onde a generosidade do professor não o levou a se prejudicar, fazendo gastos indevidos, e tambem o ensino do desenho, letra morta nos programmas, o da cartographia, o da calligraphia.

E, assim, não se realizaram as exposições de fim de anno, que tanto estimulo despertaram, nem tampouco as festas escolares de distribuição de premios, a que se refere a lei em vigor.

Não se manteve a administração indifferente. Solicitou e obteve o ex-Prefeito, pretendendo convenientemente regulamentar e regularizar o serviço, fosse revogada essa parte da lei, devendo voltar a ser dada ao professor o necessario para acquisição do material escolar.

Agora, porém, encontramos-nos em situação difficil. Continuará o regimen de 1916, que tão máos resultados trouxe às escolas.

Que nos espera? Fará, em dias, o Almojarifado o milagre que não realizou em um anno? Melhoraram as condições do commercio? Qual o papel da inspecção em tudo isto? Ao actual Director da Instrucção Publica Municipal pedimos attenção para o caso, affirmando ainda que escolas houve, em 1916, completamente esquecidas e que as outras, mais felizes, não possuem, como em principios de 1916, as reservas que o zelo dos professores, a sua previdencia e carinho lhes soube dar sempre para as primeiras e mais urgentes necessidades.

JUSTA HOMENAGEM

Foi uma brilhante homenagem a que receberam, no Assyrio, os professores Azevedo Sodré e Afranio Peixoto. O almoço que, a 27 de Janeiro, congregou, unidos pelo mesmo sentimento de justiça, a grande maioria do alto funcionalismo municipal e vultos de destaque no mundo politico e no mundo scientifico, teve um cunho de excepcional sinceridade na manifestação de apreço aos dois administradores que deixaram o governo do municipio e a Directoria de Instrucção Publica.

De um e outro a preocupação dominante foi sempre o ensino publico, a que prestaram serviços de extraordinaria relevancia.

A reorganização do ensino profissional e a reforma do ensino normal e primario, levadas a cabo pelo Dr. Azevedo Sodré, marcam uma phase nova na nossa instrucção publica. Evidentemente a grande obra do operoso administrador não poderia sahir completa e irreprehensivel de um só jacto. Os senões e lacunas de que se resente, e que só a pratica poderia evidenciar e a experiencia corrigir, em nada desmerecem o seu grande valor e o salutar principio que a inspirou.

Para consagrar-lhe bastaria, si outras vantagens não tivesse, a nova orientação que á escola imprimiu, dando-lhe como primordial missão educar e não, simplesmente, illustrar o espirito.

Chamado a occupar o mais elevado posto do governo municipal, o Dr. Azevedo Sodré confiou ao Dr. Afranio Peixoto a Directoria de Instrucção Publica.

A acção do illustre moço, já hoje consagrado administrador clarivamente pelo consenso unanime dos que lhe sentiram a superior direcção, foi uma série ininterrupta de serviços inolvidaveis que lhe conquistaram a sympathia, a amizade e a gratidão de todos os responsaveis pelo ensino nas escolas municipaes. Nos oito meses de sua administração fez o Dr. Afranio Peixoto o que nenhum director se animara até então a fazer: visitou demorada e minuciosamente as 343 escolas diurnas e as 70 escolas nocturnas do Districto Federal, a todas ellas levando, ás mais modestas e ás mais longinquoas, o estimulo da sua presença, a autoridade do seu conselho e o seu entusiasmo communicativo pela grandiosa obra que tão brilhantemente ia realizando. O que valeu esse formidavel esforço, que elle soube realizar sem o menor prejuizo do serviço diario da repartição que superintendia, de medidas efficazes, de resultados beneficos, de confiança ao professorado e de animação aos alumnos, só o poderão dizer os que acompanham dia a dia a vida das escolas, cheia de difficuldades de toda a sorte, que não bastam, para remover, o zelo dos inspectores e a dedicação dos professores.

Nada mais justo, pois, do que associarem-se os inspectores escolares á homenagem que foi prestada aos Drs. Azevedo Sodré e Afranio Peixoto, levando-lhes a segurança do seu apreço por intermedio da palavra autorizada de nossa collega, a inspectora D. Esther Pedreira de Mello. A profunda impressão causada ao auditorio pelo brilhante discurso de nossa collega o foi tanto pelos conceitos que elle encerra como pelos labios que os proferiram, tal a autoridade que a oradora, pelo seu talento e pelo seu carácter, soube conquistar em nosso meio, tão habituados andam todos á sua sinceridade nunca desmentida.

Foi o seguinte o discurso proferido pela representante dos inspectores escolares:

Exmos. srs. Drs. Azevedo Sodré e Afranio Peixoto:

Entenderam os meus distinctos collegas, não obstante a grande resistencia que lhes oppuz, que dentre os que representam aqui a inspecção, deveria ser eu, e não outro, interprete de seus sentimentos na carinhosa e eloquente manifestação de hoje.

Ex-directores da Instrucção Publica Municipal, por isso conhecedores do meio em que vivemos, compreendeis a razão da escolha: mais uma das grandes provas de gentileza que me dispensam elles, affirmação categorica e incontestavel da natureza da festa de hoje.

Mulher e exclusivamente entregue ás obrigações do meu cargo, alheia ás preocupações da politica militante; afastada por natureza e temperamento de luctas que não interessam á causa do ensino, poderia affirmar bem alto que insuspeitos somos, adherindo a esta homenagem, que consideramos digna e justa, sem nos sentirmos presos á necessidade de retribuir favores pessoais ou mesmo á classe, porque tal nome não tem a consideração e o prestigio, que na qualidade de directores nos destes, fazendo-nos responsaveis por nossos actos, concedendo-nos o direito de defesa, cercando-nos de carinhosas attentões, que diminuem distancia entre chefes e subordinados, augmentando-lhes a confiança sem quebra de respeito nem diminuição de autoridade, fazendo em cada um de nós um amigo dedicado e leal, sem sacrificio do ensino e da Justiça e tambem do erario publico; superiores ás falsas accusações de que se costumam servir adversarios pouco escrupulosos e que não comprehendem aliás que é vingar-se com prejuizo proprio e dar não pequena vantagem aos inimigos attribuir-lhes coisas que não são verdadeiras, intenções que não são as suas, affirmar mentiras com o fim unico de os desacreditar; julgaram elles, os meus collegas, poderiam, por meus labios, dizer-vos algo que vos fosse agradável ao coração e que vos desse impressão do nosso respeito, da nossa estima e da nossa lealdade.

Desprezaram, assim, os collegas, fazendo recahir em mim a sua escolha para saudar-vos, o muito brilho que, qualquer delles poderia emprestar a esta homenagem, com sua eloquencia e seus dotes oratorios; preferiram a linguagem simples, mas sincera, que traduzir pudesse a impressão profunda desse passado bom, cheio de excellentes recordações, fecundo em enthusiasmos e esperanças, promissor de trabalho sério e productivo.

Amigos vossos, até hontem vossos auxiliares muito leaes, francos e dedicados, hoje, como hontem, cumprimos muito simplesmente, muito naturalmente, um dever a que não sabemos nem desejaríamos fugir.

Aqui (com que tranquillidade e ventura o affirmamos) não nos traz, repito, a necessidade de retribuir favores pessoases e materiaes!

Mais elevados são os motivos que nos prendem a vós. Exactos no cumprimento do dever, sinceros e francos em nossas opiniões, que nem sempre eram as vossas, corajosos na defesa de nossos principios, jamais nos vistes em o numero dos que, hontem convosco assiduos e solidos, hoje, pelos mesmos motivos o são com os que podem dispensar favores e esperanças.

E' tão simples, tão agradável, tão nobre, falar aos que não nos podem accusar de bajulação e interesse, dirigimo-nos áquelles perante os quaes não nos sentimos corar, no momento em que deixam de ser nossos chefes, quando e afastam de cargos importantes, mais pesados pelos amigos e inimigos que atraheem que pelas responsabilidades que acarretam.

A inspecção escolar, infelizmente tão mal julgada, por tão poucos bem comprehendida, victima, em passado não muito remoto, de accusações gratuitas e infundadas que lhe diminuiam o prestigio e a autoridade, para maior influencia e

vantagem da insaciável política local, que nomeia, promove, designa membros do magisterio publico primario, ampara, julga, e protege candidatos em concursos e fóra delles, perturbadora da boa marcha do ensino e da fiscalisação do trabalho, e que a reduziu pela criminosa fraqueza das autoridades a figura apagada, de quem não se exigia nem prestigio nem zelo, nem preparo pedagogico, a quem não se estimulava no cumprimento do dever, abafando enthusiasmos e matando energias, com protesto energico, embora, dos que, mais corajosos, se não sentiam bem em semelhante situação, prejudicial a toda a classe, a inspecção, repito, jamais accusada poude ser de bajulação e engrossamento a poderosos.

Muito alto a este respeito se manteve para que tal se desse, motivo, talvez, por que só vagorosamente vae conseguindo conquistar o nome e a posição que se lhe deve no que se refere ao ensino publico.

Não nos movem na adhesão á festa de hoje preocupações politicas: faltam-nos ambições e illusões. Não nos movem interesses pessoas: nada pretendemos no passado, coisa alguma fomos obrigados a sacrificar com o vosso afastamento da Prefeitura.

Só um ideal temos: o bem publico, os interesses do ensino, infelizmente muito prejudicados na Capital da Republica, onde as consideradas inevitaveis mudanças de directores, no mais importante dos departamentos da Prefeitura, não permittem ao ensino os progressos que a aptidão dos professores e o zelo dos inspectores lhe podem assegurar. E no entanto, pela Directoria da Instrução, têm passado homens eminentes, de real e incontestavel valor, scientifico e pedagogico, que não conseguiram, todavia, levar a cabo seus empreendimentos, ver justificadas suas opiniões, confirmadas suas previsões e esperanças, abandonando cedo, como de confiança, um cargo que deveria ter caracter essencialmente, exclusivamente tecnico. Ahi estiveram nestes ultimos cinco annos, homens como Alvaro Baptista, bastante energico, superior, independente e intransigente para se dobrar ás exigencias que lhe destruiriam fatalmente a obra; Ramiz Galvão, com um passado brilhante de pedagogo e cientista, afastando-se para não ser victima da politica de intrigas e interesses; Azevedo Sodré, cheio de enthusiasmo pelo ensino profissional a que deu grande impulso sem todavia completar sua obra; e finalmente, Afranio Peixoto, exemplo de operosidade e observação, admiravel psychologo, já co-nhecedor do meio e de suas necessidades e no qual depositavamos as nossas melhores esperanças. Infelizmente, succedem-se os directores e com elles

reformas completas ou parciais, que não chegam a ter a devida execução. E nós, que permanecemos no trabalho e a todos prestamos o concurso sincero de nossa boa vontade, e que por isso mesmo somos combatidos, atacados, calunniados e injuriados, verificamos, com tristeza, o reflexo de tão deploravel situação na escola primaria, onde as constantes reformas não inspiram confiança, porque de antemão se sabem passageiras, destinadas a vida ephemera, e onde os que se não consideram amparados suspiram por melhores dias, na esperança de que a situação de amanhã lhes seja mais favoravel ás suas pretensões. E o inspector assiste, desolado, á diminuição de respeito e confiança nas autoridades superiores do ensino: a uns chama ao cumprimento do dever, a outros estimula e anima, lamentando as constantes construcções e destruições inevitaveis e quasi fataes.

Mas para que dar a nota triste a esta festa de amigos?

Muito grata aos vossos corações deve ser a homenagem que vos prestamos hoje. Afastados, embora voluntariamente, de cargos importantes quaes os de Prefeito e Director Geral da Instrução, que tantos amigos de momento atraem, amigos hoje pacientemente tolerados, amanhã tranquillamente supportados em suas manifestações de injustiça, que vão até a baixa calunnia e injuria; conhecedores profundos da natureza humana com seus vícios e virtudes, e do quanto parece penoso ao homem ser constante, generoso e fiel, conservar-se preso á amizade e consideral-a mais preciosa que o interesse, não lhe votando, comtudo, por isto, nem desprezo nem rancor, dispensando-lhe, ao contrario, uma grande indulgencia, deveis sentir, penso, alguma satisfação. Não procurae, bem o sei, a vossa felicidade na opinião dos homens, que sabeis lisonjeadores, pouco sinceros, injustos, invejosos, cheios de prevenções, dispostos a rirem do que é ridiculo e do que o não é, da tolice e da irreflexão como do que é justo e razoavel.

Grande depressão moral que caracteriza a nossa época!

Deveis estar satisfeitos. Já o disse alguém: "Afastae as paixões, o interesse, a injustiça e vereis a extraordinaria calma que se experimenta nos grandes centros. As necessidades humanas, a subsistencia, o bem estar não constituem um terço de suas difficuldades".

Considerastes finda a vossa missão, mas não deixaes certamente de continuar a servir á causa do ensino que tanto vos apaixonou.

Conservae-nos a amizade que nos dispensastes. E' a melhor lembrança dos dias passados.

II. — A ESCOLA

PROVAS DE COMPOSIÇÃO NAS CLASSES E NOS EXAMES FINAES

Nunca se insistirá bastante na condemnação ao velho e deploravel systema de muito professor por ahi, nas escolas publicas, cujos themes de composição são o maior impecilho ao progresso dos seus alumnos.

Só se pôde escrever bem do que se pensa bem, isto é, do que se conhece bem, ou que determina em nós uma emoção ou uma vibração interior, capazes de serem transmittidas para o interesse ou admiração dos outros. Por isso se diz muito bem que o principal caracter da arte é a espontaneidade. Quando ao acaso assistimos a um bello pôr de sol e que elle nos enleva, pintores ou poetas, seremos capazes de descrevel-o na tela ou com as imagens, de sorte a figural-o exactamente aos que nos contemplarem o quadro ou lerem as rimas. Ordenar a alguém que pinte um crepusculo ou que o descreva, é de antemão esperar um miseravel painel, uma composição sem brilho, sem calor, falsa, postica, na qual não entrará a propria sensibilidade e apenas umas lembranças de cores já vistas, de metaphoras decoradas, infieis traductores de tudo o que poderiamos fazer, se outro fosse o thema.

E' o que acontece por ahi: são themes para composição — o occaso, o mar, a familia, um jardim, descrever uma excursão á Tijuca, um passeio na bahia de Guanabara (onde as vezes nunca foram as crianças) — do que resulta, necessariamente, farta papelada sem uma idéa feliz, ou uma expressão original, redacção apenas apreciavel sob o aspecto grammatical.

Melhor vale não pretender tanto e ordenar exercicios de redacção que promovam a composição facil sobre themes ordinarios da vida — cantas, pedidos, pequenas descrições de objectos e seres muito conhecidos, — procurada a expressão exacta, no emprego das palavras e na manifestação do pensamento.

Melhor vale suscitar a sensibilidade de cada um, obrigando-o sinceramente a figurar na composição, com a sua original e inconfundivel manifestação pessoal: criança ou homem feito, que se possa manifestar, sinceramente, no papel, idéas ou sentimentos proprios, fará obra interessante e talvez obra prima.

Não exageramos. Teve o digno inspector do 5º districto escolar, prof. Velho da Silva, a idéa de dar themes semelhantes para as provas de composição do exame final e a maioria das provas recolhidas não só demonstram o nosso acerto, como algumas merecem o louvor, porque dignas de serem subscriptas por escriptores, e entre-tanto o são por crianças de 12, 13 annos.

Leia-se esta, por exemplo:

"Quando e com quem aprendeu a ler. Como? Desejou ir para a escola? Se foi obrigada a fre-

quental-a, porque assim procederam seus paes? Vantagens do saber ler. Qual o livro cuja leitura maior prazer lhe causou? Diga o que lhe accorrer a respeito delle?"

"Morena, alta, meiga, possuindo na physionomia uma sympathia attraente que se insinuava ao primeiro olhar no coração de quantos a viam, tal era a minha primeira professora. O seu olhar limpido parecia penetrar até o fundo das almas mais concentradas, e estas se lhe dobravam aos pés, confiando na doce ternura das suas palavras. Eu imaginava-a severa, rispida e inflexivel, mas esta supposição não nasceu espontaneamente no meu espirito, foram as ameaças constantes de ir para a escola, que ouvia de meus paes, após qualquer travessura, que incutiram em mim esse receio.

Tinha seis annos apenas, portanto, não podia acariciar nem desprezar os livros. A's vezes, sentia um desejo immenso de saber, de aprofundar os estudos, mas essa febre era tão passageira quanto impetuosa, e eu tornava a ver nos cadernos os inimigos inevitaveis nos quaes era obrigada a pegar, justamente nas horas em que me acudiam á mente novas invenções de folguedos. Eu via então nos meus progenitores uma austeridade que hoje classifico de zelo. O genio infantil obscurece muitas cousas que a juventude faz comprehender. Os paes que consentem na vadição dos filhos mais tarde chorarão com elles.

Hoje eu adoro os estudos e acho que ninguém deve abandonal-os, porque arrepender-se-á no futuro, quando o tempo já tiver levado nas suas azas velozes, os dias em que se poderia aprender. O saber é a base principal da felicidade.

Os ignorantes são muito infelizes, pois dependem sempre dos outros. A principio prevenida contra os livros, hoje os considero os meus melhores amigos: distraem-me quando estou triste, divertem-me nos momentos de ocio, auxiliam-me nas difficuldades.

Aquelle que mais me agradou foi "Contos Inrantis" de Julia L. de Almeida; é uma obra singela, que ao mesmo tempo faz nascer nas crianças o gosto pela litteratura, guia-lhes o caracter no caminho da bondade. Hoje não é elle o meu livro predilecto, mas conservo-o como uma grata lembrança da infancia.

Sebastiana Henriqueta de Carvalho, alumna da 3ª escola feminina do 5º districto."

*

Ahi está. O thema permittia a colaboração pessoal do alumno, sahii uma prova excellente e cujos conceitos, ás vezes, são de idade mais crescida ou de escriptor já formado. Assim outras e outras. De uma dellas lembra-me este pensamento:

"a instrução é a mais preciosa das riquezas, porque é a unica que podemos gastar, sem nos empobrecer..." Quando lida uma pagina retemos uma palavra, quando encerrado um livro nos ficou uma idea, devemos dar a pena e a penna por compensadas. Essas provas, de crianças, para exame final de curso primario, criam como não fazem paginas e paginas, livros e livros, de escriptores feitos e afamados. Porque? Porque o thema permitiu a sinceridade.

Goethe dizia que tudo o que o homem escreve de si é poesia; tudo o que se escreve, ainda uma criança, sinceramente, de si para si, é arte, ás vezes a grande arte.

Não se esqueçam disso os professores: mudemos os nossos academicos e emphaticos themas de composição e teremos outras muitas, outras tantas provas como esta.

A. P.

MULTIPLICAÇÃO DE NUMEROS COMPOSTOS

Para multiplicar um numero por um producto basta multiplica-lo por um dos factores e o producto assim formado multiplicar pelo outro factor.

Quer isto dizer que, tendo-se o producto de um numero por 7, por exemplo, para se ter o producto do mesmo numero por 56, basta multiplicar o referido producto por 8.

Então, quando houver um numero N para multiplicar, por exemplo, por 756 (=700 + 56), em vez de tres productos parciaes (N x 6, N x 5, N x 7), faremos apenas dois: N x 7 e (N x 7) x 8. Exemplo:

	4529	
	756	
4529 x 700.....	31703	
31703 x 8.....	253624	
	3423924	

Si o multiplicador fosse 567, em vez de 756, a disposição seria:

	4529	
	567	
4529 x 7.....	31703	
31703 x 80.....	253624	
	2567943	

Observação importante. — É preciso não esquecer a grande conveniencia de se habitar bem cedo o alumno a olhar para dois algarismos, 7 e 4, por exemplo, e enunciar logo o producto, 28, sem previamente dizer sete vezes quatro.

Exercício. — Multiplicar 49735 por 83272 ou vice-versa fazendo apenas tres productos parciaes: um por 8, outro por 4 e outro por

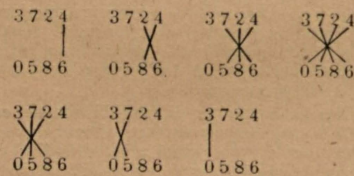
9, ou dois por 7 e outro por 5, conforme o factor que se tomar para multiplicador.

Exercícios analogos devem ser numerosos, e jamais se deverá perder occasião alguma de se applicar este recurso de abreviar o calculo, mesmo nos mais insignificantes casos. É sempre, pelo menos, mais simples, para multiplicar um numero por 36 ou por 63 por exemplo, fazer uma multiplicação por 3 e outra por 2, do que uma por 3 e outra por 6. Mas, o verdadeiro seria habituar os nossos alumnos ao processo indicado por Leonardo de Pisa, melhorado por Cauchy, e vantajosamente aperfeiçoado por Fourier, processo que dispensa a formação de productos parciaes.

O processo de Leonardo de Pisa (1) consiste em multiplicar os algarismos do multiplicador pelos algarismos do multiplicando capazes de darem determinada ordem de unidades do producto total.

Assim, começar-se-ha, multiplicando unidades por unidades e guardando as reservas. Depois, para ter as dezenas do producto total multiplicar-se-hão dezenas por unidades e unidades por dezenas, productos esses que reunidos ás reservas precedentes darão o algarismo procurado e novas reservas, que, por sua vez, se irão juntar aos productos das unidades pelas centenas, das centenas pelas unidades e das dezenas pelas dezenas, e assim por diante.

Tomando dois numeros (que podemos sempre suppor terem o mesmo numero de algarismos, completando com zeros os que faltarem) tomando, por exemplo, os numeros 3724 e 586, ou antes, 3724 e 0586, poderemos indicar da maneira seguinte as combinações precisas para se obter cada algarismo do producto total:



A 1ª. combinação dará: 24; escrevo 4 e digo: vão 2.

A 2ª. dará: 12 com 32, 44, e 2, 46; escrevo, 6, e vão 4.

A 3ª. dará: 42 com 20, 62, com 16, 78, e 4, 82; escrevo 2, e vão 8.

(1) Leonardo de Pisa ou Leonardo Fibonacci, ou simplesmente Fibonacci, foi o maior mathematico da Europa na idade media. Segundo Eduardo Lucas (*Théorie des Nombres*, pag. 29) o processo que vamos estudar está exposto no *Liber Abaci* de Leonardo, escripto em 1202.

A 4ª. dará: 18 com 10, 28, com 56, 84, e 8, 92; escrevo 2, e vão 9.

A 5ª. dará: 24 com 35, 59, e 9, 68; escrevo 8, e vão 6.

A 6ª. dará: 15, e 6, 21, que escrevo tal qual, porque a 7ª. combinação é nulla.

O producto é, pois, 2182264.

Este processo tem o inconveniente de depender de grande prática da adição mental de numeros compostos de dois ou mesmo de tres algarismos, e de haver possibilidade de equívocos nas combinações precisas para se obter determinado algarismo do producto total.

...

Este segundo inconveniente foi removido completamente com a feliz lembrança de Cauchy (1), fazendo escrever numa tira de papel um dos factores, *invertido*, e noutro papel o outro factor; fazendo depois caminhar a tira de modo que os dois factores se venham a collocar sucessivamente assim:

4273	4273	4273	4273
586	586	586	586
	4273	4273	
	586	586	

Em cada uma dessas posições bastará multiplicar os algarismos que se correspondem para que se repita toda a serie de operações anteriormente feitas e naquella mesma ordem, mais ou menos.

...

No processo Fourier emprega-se a tira de papel para se disporem os factores como fez Cauchy e multiplicam-se tambem os algarismos que se correspondem; mas, em vez de se reunirem productos elementares completos, reúnem-se apenas as unidades desses productos para se ter o respectivo algarismo do producto total, e depois reúnem-se as dezenas dos *mesmos* productos elementares para se obterem as reservas.

Assim, na posição inicial dos dois factores, olhando para o 4 e para o 6, digo 24; escrevo 4, e vão 2.

Olhando, porém, depois, na segunda posição dos factores, para o 2 e o 6, não digo 12, e sim apenas 2 (que tantas são as unidades de 12). Olhando para o 4 e o 8, digo, não 32, mas somente 2 que tambem ahi tantas são as (unidades). 2 e 2, 4, e mais 2 (das reservas do 6x4), 6. Escrevo 6.

4273
586

(1) Cauchy (1789-1857) foi verdadeiro genio, de prodigiosa actividade e de incomparavel fecundidade, que illustrou a Mathematica, desde o simples calculo arithmetico até ás mais sublimes concepções transcendentales.

Olhando *de novo* para o 2 e o 6, digo 1 (que é a unica dezena de 12); olhando ainda para o 4 e o 8, digo 3 (que tantas são as dezenas de 32). 1 e 3, 4. Então, vão 4.

Na terceira posição dos factores, digo: 2 e 6, 8, e 4 (de reserva) 12; escrevo 4273 2, e vae 1. Esse 1 eu vou reunir ás 586 dezenas dos mesmos productos elementares (42, 16 e 20), dizendo: 1 e 4, 5, e 1, 6, e 2, 8. Então, vão 8.

Na quarta posição, não digo 18 e 56 e 10; mas, contando somente com as unidades, digo: 8 e 6, 14, e 8 (da reserva 586 va anterior) 22. Escrevo 2, e vão 2, a sommar com as dezenas dos mesmos productos (18, 56 e 10); para o que, olhando de novo para os algarismos que se estão correspondendo, digo: 2 (de reserva) e 1, 3, e 5, 8, e 1, 9. Então, vão 9.

E assim por diante.

Quem tiver comprehendido bem o mecanismo do processo Fourier e der-se ao trabalho de applica-lo umas tres ou quatro vezes a numeros compostos de muitos algarismos, nunca mais empregará outro processo.

F. CABRITA.

GEOGRAPHIA

CLASSE PRELIMINAR

Orientação pedagogica

Em o ultimo numero da *Escola Primaria* fizemos referencia, em artigo a respeito dos animaes domesticos, a um pequeno livro cuja leitura desejamos vivamente recomendar e propagar. Trata-se do *Manuel du Jardin d'Enfants*, por Mlle. E. Brandt, directora do Jardim da Infancia de Thivet (Libr. Armand Colin, Paris, 1913).

Segundo a orientação desta preciosa obra foi organizado o programma de geographia da classe preliminar.

O preparo para a geographia é ahi ministrado em 19 lições.

Transcrevemos por hoje a oitava lição, fazendo ao mesmo tempo as necessarias adaptações.

"*Construção, com tijolinhos, da planta da sala* — Tomamos uma taboa, que collocamos sobre a mesa. Queremos construir as paredes da sala com tijolinhos (1). Cada tijolinho figurará um metro. Só construiremos a largura e a profundidade; quanto á altura seria muito demorado e difficil, tudo desabarria. O que vamos fazer será

(1) Trata-se dos pequenos tijolos usados nos Jardins de Infancia, para os trabalhos de construção.

simplesmente a planta da sala. — Collocaremos os tijolos sobre a sua parte mais estreita e mais comprida.

Quantos metros de comprimento tem a parede da esquerda? Quantos tijolos precisaremos collocar? — Cada criança colloca um tijolo. Quantos tijolos serão necessarios para a parede do fundo? Quantos para a da direita? Porque o mesmo numero que para a da esquerda? — Vamos marcar o logar das portas e janelas tirando de cada vez um tijolo. — Para melhor indicar as portas e janelas collocaremos á direita e á esquerda de cada abertura um tijolo em pé, para lhes marcar a altura.

NOTA — Temos o cuidado de pôr em a parte de baixo de cada tijolinho um pouco de colla, affim de que o plano ou planta se possa transportar sem o perigo de cahir tudo.

Revisão e desenho da planta da sala — Collocamos sobre o mesa o plano construido. Nomear as paredes. Dizer-lhes o comprimento. Mostrar a largura, o comprimento do quarto.

Uma bonequinha vae passear na sala que construímos. "João, colloca-a no logar em que se acha o aparador. — Pedro, colloca-a no logar do piano, faze-a sahir pela porta, etc."

Tomamos agora um giz de côr para desenhar os contornos da nossa planta. Uma criança desenha a parede do fundo, traçando uma linha ao longo dos tijolinhos, deixando em branco o logar das portas e das janelas. Emquanto assim traçamos a planta, fazemos uma revisão das lições precedentes. — Arrancamos um por um os tijolos. — Que fica sobre a taboa? O desenho da planta. E' um desenho como os que fazem os architectos.

Distribuo a cada criança uma folha de papel quadrículado, bastante ampla. Cada quadrado figura um metro. Desenhamos uma parede e depois outra, marcando-as por meio de pontos na folha de papel; em seguida traçamos as linhas, tendo o cuidado de deixar em branco o logar das portas e das janelas."

Os exercicios acima indicados pela competente directora que levou para a França o primeiro Jardim, depois de cursar a Escola Fröbel, de Berlim, podem naturalmente ser variados ao infinito. Desta sorte se terão todos os alumnos sempre interessados na realização do escopo premeditado, e caminharão todos parallelamente, no desenvolvimento das facultades a cuja educação aspira o Jardim de Infancia.

O. S. R.

MATERIALIZAÇÃO DO ENSINO

Quer a pedagogia moderna a mais completa materialização do ensino. Mais rapido entra o conhecimento pelos olhos do que pelo ouvido, e mais rapido ainda pelos dedos, pois, didacticamente, ouvir é um, ver implica dois, e pegar resulta em tres dos meios de adquirir e fixar as idéias. Não só ha superposição e concurso dos

varios modos dessa aquisição, como variedade e mais tempo para a fixação dos factos na memoria. Vehiculada ao cerebro pelos sentidos, a impressão traduz-se nelle em ideia tanto mais perfeita e duradoura quanto mais repetida e completa a impressão, e para isso nada satisfaz as condições como o fazer e praticar.

O melhor meio de fazer a creança aprender é obter que as impressões sejam levadas ao cerebro espontaneamente, impressões que a memoria prompta e definitivamente guarda, sem esforço, por espontaneo funcionamento. Aprender ouvindo, aprender lendo, sem ver, sem tocar, é dobrado trabalho para metade do resultado.

Isto não é nenhuma theoria de alta psychologia, antes comosinho facto da vida pratica, que todos conhecem. Entretanto só agora ha idéa de o applicar; essa demora se explica pelas duas razões que sempre entravaram e hão de entrar o progresso: o espirito natural de rotina, e a difficuldade de ver o que todos olham mas que inda não foi visto por ninguem e que só apparece clarissimo quando um espirito de elite, ou um ignorante feliz o desvenda e proclama, como no caso do celebre ovo de Colombo.

Assim a tendencia moderna é para a troca do theorico pelo pratico. Em vez do professor dizer como é e fazer o alumno ler como é, mostra-lhe o objecto, examina-o e analisa-o com elle manda copiar-o em desenho e em obra, provoca observações e critica da parte do alumno.

Resultado: a lição, muito mais interessante, prende insensivelmente a attenção, os factos narrados, os objectos descriptos, apresentados em realidade são rapidamente apprehendidos, graças á excitação natural, sem esforço, das facultades intellectuales, avidas de conhecer o novo. As lições mais aborrecidas tornam-se divertimento, e a creança aprende com dobrado prazer. Isto quanto á facilidade de adquirir. Quanto ao guardar, os resultados são mais surpreendentes ainda: o que se aprende em taes condições, não se esquece mais.

A escola moderna é, pois, não mais bibliotheca simplesmente: tem de ser bibliotheca, museu, laboratorio, officina. Assim se dilata e cresce de importancia a função do professor primario. Assim lucram os povos com o ensino ministrado mais rapidamente e com effectos mais duradouros. Aliás não são novidades taes processos. Quadros synopticos, representações graphicas, mappas, estampas, museus, laboratorios, usam-se ha muito. O que é talvez novo é a extensão desse methodo a todas as materias que se pretendam ensinar, e seu emprego, a cada instante, em cada uma dellas. Isso não importa no abandono do livro — que será sempre excellente auxiliar do professor como coordenador e fixador de idéas.

* * *

Um dos estudos de que as creanças menos gostam, geralmente, na escola primaria, é o de Historia do Brasil, com excepção apenas das de optima memoria e intelligencia soffrivel. Porque? Talvez unicamente pelo modo por que é

dado. Quaes os máos processos desse ensino? — Primeiro o modo de ministrál-o, á antiga — cadeia de factos entremeados de nomes e datas; segundo a sobrecarga de datas inuteis; terceiro a ausencia do que se chama — historia da civilização e que é sem duvida a parte mais interessante da Historia; quarto a falta completa do lado pratico.

Dar historia citando simplesmente nomes, factos, datas, é fastidioso, cansa a attenção, annulla a personalidade do alumno, inflige-lhe tormentos á memoria. A philosophia da historia é indispensavel nas classes primarias, mesmo nas elementares, está claro que de accordo com o gráo de intellectualidade dos alumnos Contar o facto chamando a attenção das creanças para suas causas e effectos interessa-as, moralisa e desperta nellas o raciocinio e o espirito critico; comparar os acontecimentos com outros anteriores é ajudar duplamente a memoria; pela recordação do que já foi dado e pela facilidade de guardar o novo que se parece com o antigo de cuja posse estamos; a parte de civilização, sobremodo instructiva, é verdadeiro recreio para o espirito, que facilmente a apprehende.

Este modo de ensinar, ajudado de methodo na exposição, da insistencia nos pontos fundamentaes, da observação de todas as correlações existentes no ponto dado e entre esse e outros, da annotação cuidadosa das coincidencias e semelhanças, da narração, a proposito, de aneddotas caracteristicas, da apreciação dos caracteres nobres, censura dos maos actos, narração dos episodios grandiosos ou burlescos e, ao correr da lição, a traducção graphica de quanto se vá dizendo em synopse a côres variadas no quadro negro, tudo ajudará consideravelmente o mestre no seu trabalho. E se a lição dada nessas condições fór materializada, se a vida dos personagens fór repetida pelos alumnos, e seus actos reproduzidos, então essa facilidade será decuplicada.

Mas, como conseguir isso? Com auxilio de material adequado: mappas, desenhos, estampas mostradas aos alumnos e por elles reproduzidas em traços geraes, ou, melhor ainda, por isso tudo posto em vulto e feito pelas proprias creanças.

O systema consistiria no aproveitamento e adaptação de dois elementos já muito conhecidos: os mappas da guerra com bandeirinhas espetadas, que impedem o transito da rua do Ouvidor;

folhas com desenhos de recortar e armar, que se vendem nas lojas de brinquedos.

O material para cada lição de Historia do Brasil consistiria, assim, em duas folhas de cartão:

uma com o mappa em linhas geraes da lição a dar, outra com todos os personagens, objectos, casas, navios, accidentes geographicos que figurassem na lição estampados.

Na vespera ou ante-vespera da lição o professor distribuiria pedaços da segunda folha de cartão que os alumnos levariam para casa affim de colorir, recortar e armar todos os elementos a figurar na lição. No dia desta, o mappa, previamente colorido pelos alumnos, seria collocado sobre uma pequena mesa ou carteira e á medida

que os acontecimentos fossem sendo narrados pelo professor, os personagens, objectos, etc., iriam sendo collocados em seus respectivos logares e movimentados, como as pedras de um jogo de xadrez, as datas e factos iriam sendo annotados, roteiros seriam traçados em linhas pontilhadas, factos registrados com signaes prestebelecidos. Que divertida lição, que seria um brinquedo! Que brinquedo fecundo esse, em aula por que as creanças anciariam e cuja consequencia seria a gravação facil, sem trabalho, em seus espiritos, ao quadruplo burilar da vista, da audição, do trabalho manual, da attenção naturalmente despertada, em alegre concerto!

Terminada a lição os alumnos teriam ante seus olhinhos satisfeitos o quadro, em vulto, de quanto haviam aprendido, a concretização da explicação do mestre, e nos seus cerebros de favoravel plasticidade estariam arrumadas, uma a uma, todas aquellas figuras, que suas mãos-nhas haviam disposto, e os animaes, e as casas, e os factos correlatos. Quando chegasse a terrível hora de "dar lição", nas suas memorias frescas estaria tudo alinhado e disposto, e a traducção em palavras viria naturalmente, como a de quem conta um facto que viu, porque elles teriam "visto" passar-se a Historia do Brasil!

M. R. C.

O ENSINO DA MUSICA VOCAL NA ESCOLA

A introducção do ensino systematizado da musica nas escolas, sob a fórma de canticos, veio preencher uma lacuna que ha muito se fazia sentir.

Não acompanharam, porém, a determinação theorica de tal dispositivo, as medidas practicas capazes de tornarem effectivos os seus resultados.

A erradissima opinião de que tal ensino é luxo perfeitamente dispensavel, e que delle se não deve cuidar com interesse, é ainda commum. E dahi, ou a ausencia completa dos canticos em algumas escolas, ou a despreocupação de uma escola feita criteriosamente, e a dolorosa consequencia de se ouvirem verdadeiras banalidades cantadas pelas crianças, sob os mais dissonantes acompanhamentos.

Em todas as épocas a musica foi objecto dos mais attenciosos cuidados por parte dos que se entregavam ás cogitações relativas á educação.

Os seus effectos no organismo humano, produzindo as mais profundas emoções foram aproveitados como um util elemento educativo.

Poucos são os povos a elles indifferentes. Na vida real dos gregos ella representava um grande papel — "...as proprias leis eram promulgadas cantando".

Platão e Aristoteles aconselharam-n'a como elemento de alto valor no seu programma de estudos, pois diziam que "o rythmo e harmonia da musica communicavam ás almas o amor da ordem, a doçura, a regularidade e favoreciam o apaziguamento das paixões".

Theorias diversas foram architectadas para explicar a acção dos sons musicaes sobre o organismo. Nenhuma dellas, porém, pôde, por mais engenhosa que seja, exprimir de um modo positivo a causa de taes effeitos. A extraordinaria impressão sobre o selvagem que se entrega ás mais variadas demonstrações de alegria ao ouvido; a profunda emoção que se apodera do homem civilisado, quando lhe fazem chegar aos ouvidos os sons harmoniosos de um instrumento musical, variando cada impressão de accordo com a natureza nas notas postas em vibração; o entusiasmo ardoroso que os cantos patrióticos produzem, quer nuns, quer noutros, entusiasmo que arrasta á pratica dos mais admiraveis actos de heroísmo, todas estas modalidades de sensações experimentadas, como explicar satisfatoriamente? Como exprimir de modo positivo o seu mecanismo?

Lamartine, descrevendo a "Marselheza" diz: "Estas palavras eram cantadas em notas alternativamente graves e agudas, as quaes pareciam tropejar no peito com os surdos tremores da colera nacional, e depois com a alegria da victoria. Alguma coisa tinham de solemne como a morte, e de sereno qual immortal confiança do patriotismo"... "Ouviam-se os passos cadenciados de milhares de homens marchando juntos á defesa das fronteiras sobre o sólo retumbante da patria, a voz lastimosa das mulheres, o vagido das creanças, o relincho dos cavallos, o silvo das chammas do incendio devorando palacios e choupanas; depois, os golpes surdos da vingança ferindo e tornando a ferir e immolando os inimigos do povo e os profanadores lo solo. As notas desta aria escorriam como a bandeira mergulhada no sangue ainda quente sobre um campo de batalha. Fazia trêmer; mas esse tremor que corria com suas vibrações pelo coração era intrépido. Dava entusiasmo, redobrava as forças, velava a morte. Era a agua fervente da revolução; distillava nos sentidos e na alma do povo a embriaguez do combate".

Não procura saber o *porque* de semelhante resultado e affirma: "Todos os povos escutam, em certos momentos, jorrar assim de sua alma accents que ninguem escreveu e que todos cantam. Todos os sentidos querem render um tributo ao patriotismo, e animar-se mutuamente. *O pé marcha, o gesto anima, a voz encanta o ouvido, commove o coração. O homem todo inteiro mostra-se um instrumento de enthusiasmo*". Si as difficuldades na determinação das causas que produzem tão grandes quão variados effeitos superabundam, o seu aproveitamento, e com magníficos resultados, tem-se feito regularmente.

E' na escola, como poderoso auxiliar do preparo do cidadão que a musica, sob a fórma de canticos, deve ser praticamente ensinada.

Apreciados superficialmente, sem o estudo apurado da sua acção na alma das creanças, os canticos entre nós eram escolhidos para abrilhan-

tarem as festas das escolas, aproveitando-se delles sómente o que poderiam produzir como effeito decorativo.

Não se tinha em vista, a sua acção bemfazeja como elemento capaz de educar, e aquillo que para a Allemanha mereceu sempre os mais attenciosos cuidados, entre nós se descurou profundamente.

Para os allemães: "No ensino do canto faz-se alternar os canticos e as canções populares, afim de que cada escolar possa cantar com justiça e segurança, não sómente em côro, mas só, e que ao sair da escola forma perfeitamente um numero sufficiente de canticos e cantos populares e ache-se tanto quanto possivel penetrado do texto destes utlimos".

Na sua grande preocupação de gravar fundo no espirito das creanças tudo quanto diz respeito á patria, adoptam como elemento de alto valor o ensino dos cantos populares.

"No Brasil fóra acaso achado ridiculo o poder que introduzisse na escola taes cantos...", diz José Verissimo. Sim, seria julgado ridiculo, mas quantos ensinamentos, quantas vantagens, não adviriam si fosse adoptada tal pratica entre nós?

Ha em nossas cantigas populares, nos versos deliciosos dos nossos poetas tanta belleza, tanto encanto, nellas se pintam com tanta realidade tudo quanto diz respeito á nossa natureza, aos nossos costumes que, posta de lado a preocupação de ridiculo, tal iniciativa deveria ser tomada em consideração, como um grande elemento de educação nacional.

O momento é opportuno; hoje entre nós, si bem que ainda muito irregularmente, já se cõgita de dar ao ensino da musica vocal uma determinada orientação. Aos poucos estão sendo vencidas as resistências creadas pela indifferença no modo de encarar este assumpto.

No Exercito e na Armada, os canticos estão sendo introduzidos. As marchas já se fazem ao som de canções que impressionam fortemente, não só aos que as executam, como aos que as ouvem.

Nos programmas das escolas primarias já figura o da musica. Como dissemos, para a sua execução não foram tomadas as providencias necessarias. Aos professores preocupados com o ensino das letras não é facil a tarefa de se entregarem ao da musica. Além disto, nem todas as escolas possuem um instrumento apropriado para os ensaios de côros, etc.

Tornava-se, pois, necessario que medidas fossem tomadas no sentido de obviar a taes inconvenientes, dando-se ao ensino uma orientação pratica, economica, e cujos resultados se possam apreciar.

ARTHUR MAGIOLI.
Inspector escolar.

III. — LIÇÕES E EXERCICIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

A FAMILIA

Dedicar amor aos paes é sem contestação o primeiro dever dos filhos.

Sentimento que constitue uma retribuição aos extremos, aos cuidados de que são objecto, elle nasce, cresce e se torna mais intenso á proporção que, pelo desenvolvimento da razão, comprehendem do quanto lhes são devedores.

Como retribuir a uma carinhosa mãe as noites mal passadas, os sobresaltos constantes que o estado de saude de um filho produz? As preocupações occasionadas pelas incertezas do futuro, pela educação?

Como pagar a divida contrahida para com um pae zeloso, previdente que procura na medida das suas forças, muitas vezes mesmo com sacrificios indescriptiveis, prover as necessidades decorrentes do desenvolvimento dos filhos? Como, senão cercando-os de affecto e de carinhosos cuidados?

E deverá o bom filho encontrar no meditado exame sobre quanto deve aos paes um incentivo poderoso para que torne sempre mais forte este sentimento que dignifica e eleva.

Como elementos demonstrativos de amor filial outros deveres surgem — a obediencia e o respeito.

A escravização a que se viam submettidos os filhos nos tempos em que aos paes era dado o direito de vida e de morte sobre elles, exigia da sua parte a obediencia absoluta, o servilismo. Suavisados, porém, os laços que os uniam, ella perdeu o caracter odioso de rebaixamento para se tornar carinhosa prova de affecto, e dever cujo cumprimento constitue uma das mais bellas demonstrações de amor filial.

O reconhecimento da autoridade dos paes, do direito que lhes assiste de agir no sentido de castigar erros, corrigir defeitos, apontar o melhor caminho a seguir na vida, direito que o proprio Estado reconhece, não pôde merecer da parte dos filhos a menor repulsa; antes pelo contrario é um dever de que a obediencia e o respeito são os principaes instrumentos.

Não se devem os filhos furtao ao suave predomínio dos paes, antes a elle se submitter, certos de que faz-lo é contribuir muito para a propria felicidade.

..... E no entanto ninguem dirá que, com o problema do povoamento do nosso vasto territorio deserto e improductivo, que é o problema capital do nosso paiz, não seja o da educação nacional o que mais importa ao nosso futuro.

JOSE' VERISSIMO.

A PATRIA

Assim como a familia sob a acção de elementos diversos se foi aos poucos organizando, e, do cháos em que jazia, se transformou no que é hoje; assim tambem o Estado, que no seu inicio não passou de um amontoado de familias em formação, obedecendo sómente á satisfação de necessidades de momento, constituiu-se na entidade politica actual.

Horla primitivamente, quando após a vida isolada das cavernas se viram na contingencia de reunir-se em pequenos grupos para resistir ao ataque das feras e com mais facilidade prover ás exigencias organicas, os homens foram pouco a pouco se organizando em tribus e finalmente em Estados.

Do reconhecimento da autoridade do mais forte, do mais apto para enfrentar as situações creadas pela vida de lutas, originou-se o que na familia se designou por chefe e senhor, com direitos absolutos sobre aquelles que se submettiam a tal predomínio.

Foi, pois, a força, a preponderancia do mais forte, reunindo em torno á sua pessoa os que,

necessitando de defesa se abrigavam sob tal protecção, a origem da sociedade como organização politica.

Em consequencia de tal principio, isto é, do modo por que se formaram, os primeiros agrupamentos humanos tiveram a governal-os o despotismo, a prepotencia.

O grupo que cercava o senhor prestando-lhe mais directamente mão forte, tornou-se privilegiado, conservando-se a outra parte escravizada, trabalhando e soffrendo para nutril-os.

O despotismo monarchico, o feudalismo e todas as formas prepotentes de governo são uma consequencia deste modo de formação.

Aos poucos, pelo desenvolvimento gradativo da intelligencia humana, pelo trabalho lento de selecção, o escravo se foi reconhecendo com direitos iguaes aos dos senhores, as revoltas foram se succedendo e a liberdade, conquistada á custa do proprio sangue, se firmou no dia em que, partindo os ultimos élos da cadêa que a prendia ás miserias do passado, a França, pela mais formidavel das revoluções, proclamou os direitos do homem!

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

CLASSE MEDIA

2.º anno

REINADO DE D. PEDRO II; OS GRANDES ESTADISTAS DO IMPERIO; ABOLIÇÃO DO TRAFICO DE AFRICANOS

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA — O segundo Imperador do Brasil subiu ao throno em 1840, contando apenas 15 annos de idade.

O professor fará algumas considerações sobre a anormalidade desse facto. D. Pedro II não attingira ainda a idade legal para dirigir os destinos da grande nação, mas a politica do paiz exigia um chefe de Estado. A prolongada luta dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, as revoluções em S. Paulo e Minas, ameaçavam seriamente a integridade nacional; o desmembramento do grande Imperio dar-se-ia fatalmente si os governos regencias continuassem a dirigir o Brasil.

O joven Imperador denotou, desde os primeiros annos de governo, ser dotado de excellentes qualidades de espirito. Exercendo uma politica conciliadora conseguiu extinguir as lutas intestinas, que se prolongaram até 1849.

O seu grande auxiliar na pacificação do Imperio foi o duque de Caxias cuja estatua se encontra em uma praça publica da cidade do Rio de Janeiro.

Ainda se travaram no governo de D. Pedro II a luta de Oribe e Rosas e a guerra do Paraguay.

A primeira carece de importancia na historia do Brasil; a segunda é um attestado da bravura do soldado brasileiro.

O professor porá em relevo os feitos do Exercito e da Marinha; citará as principaes batalhas e os nomes dos heróes brasileiros que se immortalisaram na guerra de 1865-1870. Lembrará, então, que a cidade do Rio de Janeiro possui estatuas do almirante Barroso e do general Osorio, collocadas, em jardins publicos.

O mestre dirá que a guerra levou aos campos de batalha, não só as forças armadas, mas tambem avultado numero de voluntarios vindos do extremo norte ou das regiões centraes do nosso paiz, e que se alistavam nos batalhões organizados apressadamente para defenderem o territorio invadido pelos paraguayos.

A esses bravos devemos um culto de admiração; o mestre salientará o civismo dos nossos patrios que não sonhavam glorias ao enfrentar o inimigo, que offereciam a vida em defesa da patria, morrendo ignorados, mas deixando ás gerações vindouras, bello exemplo do cumprimento de um dever civio.

Terminada a guerra, seguiram-se largos annos de paz e progresso. D. Pedro II foi um monarcha magnanimo e patriota. Não premiu os seus subditos, tratou-os sempre como soberano que preza mais a gratidão do povo que as lisonjas da aristocracia. A pureza do character, a cultura

do espirito, a bondade do coração, foram os guias do seu governo de quasi meio seculo.

D. Pedro II teve o auxilio de abnegados brasileiros, a cujas idéas criteriosas e patrioticas deve a nossa patria grandes beneficios. Citará o professor os mais eminentes: Visconde do Rio Branco, Saraiva, Cotegipe, Nabuco, Dantas e João Alfredo.

O mais nobre empreendimento desses estadistas brasileiros, foi a abolição da escravatura.

A lei que supprimia o trafico africano foi posta em vigor no anno de 1850; mas, clandestinamente, continuava a introdução dos negros no Brasil.

Em 1871 a lei Rio Branco punha um dique á escravidão: o mestre explicará o fim a que se destinava essa lei.

Ella não satisfazia, porém, ás aspirações dos abolicionistas, era necessario um golpe decisivo. Finalmente, na regencia da Princeza D. Isabel, foi assignada a lei Aurea de 13 de Maio de 1888, libertando todos os escravos existentes no territorio nacional.

Cabe ao mestre descrever o jubilo dos brasileiros que, gratos á Princeza Imperial, a chamaram desde então — Isabel, a Redemptora.

O dia 13 de Maio é de feriado nacional porque representa uma notavel conquista em prol da civilização do povo brasileiro.

Nota — A exposição deste ponto servirá tambem para a 1.ª classe media, e abrangerá a parte do programma dessa classe que se refere a D. Pedro II, Visconde do Rio Branco, Joaquim Nabuco, D. Isabel (a libertação dos escravos).

CLASSE COMPLEMENTAR

1.º anno

OS ANDRADAS — SETE DE SETEMBRO

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA — Os irmãos José Bonifacio, Antonio Carlos e Martim Francisco, conhecidos na Historia do Brasil como os Andradas, são brasileiros eminentes, em torno dos quaes se desenrolaram os principaes episodios da Independencia e do primeiro imperio.

José Bonifacio de Andrada e Silva é talvez a figura de maxima importancia na historia de nosso paiz.

O professor, estudando a individualidade politica do illustre paulista, dirá que não escaparam á argucia do Principe Regente as raras qualidades congregadas no preclaro brasileiro. Reconhecendo D. Pedro o auxilio que lhe prestaria José Bonifacio, aceitou sempre as idéas d'aquele estadista, como as mais sensatas e exequiveis nas occasiões de lutas em que se empenhavam brasileiros e portuguezes no vasto territorio da colonia.

Effectivamente, José Bonifacio, como ministro dos estrangeiros, cerceou a desmedida ambição da metropole portugueza. A elle se deve o decreto de Fevereiro de 1822, determinando que as ordens provenientes de Lisboa, não se executassem sem o *cumpra-se* do Principe Regente.

O mestre poderá citar alguns outros factos que attestam a influencia directa de José Bonifacio nos acontecimentos que precederam á Independencia do Brasil, a 7 de Setembro de 1822.

Continuando a estudar a acção politica dos Andradas no primeiro Imperio, o professor entrará na apreciação dos factos que se seguiram á Independencia.

A creação dos partidos — liberal e ministerial — poz em luta os politicos daquella época. Datam dahi as dissensões entre D. Pedro I e os Andradas, que tinham o apoio do povo, a cujos interesses elles procuravam servir.

Foi nesse momento de attribuição para a consolidação da Independencia que D. Pedro I, levado pelo seu character autoritario e absoluto, ordenou a prisão dos Andradas e dissolveu a Assembléa Constituinte.

Proseguindo, o mestre concluirá a exposição do ponto, fazendo sentir que a missão de José Bonifacio não findára.

Em 1831, D. Pedro I abdicando a corôa do Brasil na pessoa de seu filho D. Pedro, reconheceu o erro do passado e entregou a José Bonifacio a tutoria do novo Imperador do Brasil.

CLASSE COMPLEMENTAR

2.º anno

CAPITANIAS HEREDITARIAS — GOVERNOS GERAES

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA — A colonização foi iniciada regularmente em 1534 com a divisão do territorio em doze capitánias hereditarias.

O conhecimento dessa primeira divisão do Brasil, será feito em presença do respectivo mappa.

O professor apontará cada capitania, instruindo os alumnos sobre os Estados que actualmente correspondem a essa primeira divisão.

Chamará a attenção para o facto de se estenderem pelo littoral, ficando o centro desconhecido; dará então as causas que determinaram a colonização da faixa de terra banhada pelo Atlantico.

Mencionando as capitánias e os seus donatarios, o mestre explicará as condições em que foram feitas as doações; quaes as vantagens offerecidas aos donatarios, e a que se obrigavam elles ao receber a doação.

Em resumo, o professor dirá que essa forma de colonização, não deu o resultado esperado por D. João III; muitas foram as causas do insuccesso das capitánias, mas a todas sobrepujou a luta continua entre os colonos portuguezes e os selvagens.

Citará as que mais prosperaram — S. Vicente, Porto Seguro e Pernambuco. A riqueza do solo manifestava-se a cada passo: o reino mineral e o reino vegetal impunham-se pela variedade e exuberancia de seus productos. Lembrará então o mestre, que a canna de assucar transplantada da ilha da Madeira, constituiu logo uma boa fonte de riqueza para Portugal.

Em 1549, D. João III submetteu todas as capitánias a um governo geral, cuja séde foi a capitania da Bahia.

Tratando dos governos geraes, o professor

fará o historico dos tres primeiros, cujos governadores prestaram reaes serviços á colonia. O governo de Duarte da Costa foi assignalado pela invasão franceza de 1555, e ainda pelo inestimaveis serviços prestados por Anchieta á causa da catechese dos selvagens.

Mem de Sá foi o ardoroso governador, incançavel na luta contra os francezes; o seu governo está ligado á fundação da cidade do Rio de Janeiro, cujo historico será dado pelo mestre.

A seguir, serão citados os demais governadores geraes e os factos importantes desenrolados em seus governos.

GEOGRAPHIA

CLASSE ELEMENTAR

1.º anno

Planta da escola e seus arredores

Já na classe preliminar têm os discipulos ensaiado o desenho da planta da sala de aula, da escola, da sua propria casa, etc. Trata-se agora de aperfeçoar um pouco o desenho e fazer o croqui ou plano com maior minuciosidade.

Expuzemos o modo de obter as primeiras plantas da parte dos discipulos de tenra idade. Não se deixem os mestres dominar pelo desanimo aos primeiros insuccessos, que as crianças estão sempre promptas a recommear e a fazer melhor, desde que a isso as exhortemos convenientemente.

O desenho dos traços a lapis de varias côres, as representações coloridas dos jardins concorrem para desenvolvimento do gosto.

Na representação dos arredores devemos abranger, sempre que possível, o traçado do caminho que cada alumno tem a percorrer de sua casa até á escola, as linhas de bonde, os jardins publicos, tudo em summa a que as crianças na idade da classe elementar costumam prestar a maxima attenção. Todas as ruas que circumdam a escola serão bem traçadas, com suas esquinas e seus cruzamentos. Por essas ruas passeiam idealmente os discipulos, recordando não só os edificios publicos, mas ainda as residencias conhecidas, os estabelecimentos de negocio, etc, etc.

Reportando-nos a quanto temos dito na secção da classe preliminar e nos artigos que aqui publicámos sobre Cartographia, dispensamo-nos de descer a mais minuciosas explicações.

CLASSE MÉDIA

1.º anno

A cidade do Rio de Janeiro

Far-se-á nesta classe um estudo summario, já que ha de ser repetido no 2.º anno da complementar, da nossa cidade, seus bairros, suas ruas principaes.

O caminho mais natural a seguir é o que se pôde chamar *centrifugo*. O professor conduzirá o alumno pelas ruas das proximidades da escola e ir-se-á pouco a pouco distanciando. Nestes passeios encontrarão monumentos, edificios, morros,

praías, rios, etc., a respeito dos quaes conversará com os discípulos, tratando, pela rama, dos episodios historicos a que se ligam.

Encontrará o professor um ou outro alumno tão despido de curiosidade que não tenha notado taes e taes edificios em seu caminho, taes e taes monumentos. A este dará naturalmente a sua maior attenção, esforçando-se por lhe despertar as faculdades adormecidas.

Falando dos edificios publicos, não deixe jamais o mestre de explicar de um modo claro e accessivel, ainda que não minucioso ou acabado, para que servem. Que adeanta, realmente, saibam os meninos que na Avenida Rio Branco estão, por exemplo, a Bibliotheca Nacional e o Supremo Tribunal Federal, se não tiverem noção do que sejam estas duas importantes instituições? Não se exija apenas conheçam os nomes dos generaes representados nas estatuas da Praça Quinze de Novembro ou do Largo do Machado, mas que saibam explicar summariamente porque mereceram Osorio e Caxias a homenagem dos monumentos de bronze.

Não será tambem descabido que saibam os alumnos, além dos nomes dos autores dos monumentos, como se fazem as estatuas, como se fundem. Nunca é fóra de proposito recordar conhecimentos já adquiridos e que presumimos necessarios.

As descrições dos jardins e das praças, as enumerações dos monumentos e dos edificios importantes servirão ainda de optimos exercicios de composição em estylo descriptivo. Em vez das descrições uniformes de praças publicas e parques, todas moldadas por um mesmo paradigma, façam-se composições interessantes, em que o alumno implicitamente responda a varias perguntas de historia ou de instrucção civica ou de geographia.

Ao mesmo tempo faça o professor a propaganda intensa e systematica da visita aos museus, ás bibliothecas, aos jardins. Muito mais do que as dissertações patrioticas, do que o espectáculo dos exercitos e do que o conhecimento das leis, exerce no homem uma acção que se poderia dizer nacionalizante, a contemplação dos thesouros de saber e de arte dos nossos antepassados. Uma bibliotheca, um museu, uma pina-

cotheca impõem a meditação, e nós sabemos que o Brasil sae engrandecido sempre que meditamos nos seus velhos sabios, estadistas e artistas. São templos onde se infunde pacifica e insensivelmente a consciencia da grandeza da Patria.

CLASSE COMPLEMENTAR

1.º anno

Estado do Amazonas

O que se chama Amazonia: quaes os Estados que abrange; qual a importancia economica do valle do Amazonas.

Hydrographia do Estado — O rio Amazonas, onde nasce, quaes os nomes que tem. Forma a maior bacia hydrographica do mundo. Phenomeno da pororoca. Tributarios mais importantes do Amazonas: Javary, Jutahy, Jurua, Tefé, Coary, Purús, Madeira e Tapajoz, pela margem direita; Içá ou Putumayo, Japurá ou Caquetá, Negro e Jamundá.

Todos estes rios devem ser apontados no mappa e desenhados no quadro negro. Citem-se ainda, na bacia do rio Negro, o Branco, o Uricoera, o Tacutú, o Cotingo, o Mahú. Mostre-se no mappa o furo do Cassiquiare, pelo qual se comunica a bacia amazonica com a do Orenoco.

Fale-se nos numerosos lagos ás margens do Amazonas, nos de Saracá e de Codajaz principalmente.

Orographia — As serras do systema de Parima: Imeri, Tapirapécó, Pacaraima, Acarahy. A cordilheira do Norte.

Clima — Quente e humido nas terras baixas, secco e mais fresco nas terras altas.

População — Cerca de 380.000 habitantes.

Produções — Tratar das arvores da borracha (seringueira e caucho, principalmente), da *Victoria régia*, etc. Como se extrae a borracha. A pesca, uma das grandes riquezas do Amazonas.

Navegação — O Amazonas acha-se ligado aos outros portos do Brasil pelas linhas do Lloyd Brasileiro, e á Europa e America do Norte pelos navios de companhias estrangeiras.

O. S. R.

LINGUA MATERNA

CLASSE PRELIMINAR

I — Recitação — O canto do passarinho e a voz do sino

Quem, de ver, contente fica
E de encontrar não se espanta,
Passarinho que não canta
E sino que não repica?

O.

QUESTIONARIO

Cantam os passarinhos? Como se chama o seu canto? Onde vivem? Como se alimentam? Como nascem os passarinhos? Como se alimentam em-

quanto não podem voar? Onde se vêm os sinos? Como se faz para que os sinos repiquem? Gostaes de ouvir o canto dos passarinhos e o repique dos sinos? Por que?

QUEM: que pessoa.

DE VER: por ver, vendo, olhando.

CONTENTE: alegre, satisfeito.

FICA: sente-se.

E DE ENCONTRAR: e de ver,

NÃO SE ESPANTA: não se admira.

PASSARINHO: avesinha.

QUE NÃO CANTA: que não gorgoeia, que não tem voz.

E SINO QUE NÃO REPICA: e sino que não dobra alegremente, que não se faz ouvir.

II — Elocução — Infantilidade

Aninha tem só cinco annos.

Já comprehende a extensão do sentimento materno.

Mesmo pequena assim, ella quer aos paes todo o bem que elles merecem.

Tendo saudades do Pae, que passa os dias inteiros fóra de casa, nas muitas occupações diarias, Aninha confunde saudade com amizade.

Pensa querer mais ao Pae.

Avalia entretanto a injustiça que commette, preferindo-o á Mãe.

E' que elle, nas poucas horas de convívio com ella, só tem tempo de lhe fazer todas as vontades.

O Pae gosta de se sentir preferido.

Não raro pergunta á filha: "Aninha, de quem gostas mais? De teu Pae ou de tua Mãe?"

Aninha disfarça e não responde.

Uma vez, porém, o Pae insistiu demais.

Aninha nervosa, chorosa, exclamou: "Isto eu não direi nunca, Papae, porque si eu disser Mamãe ficará muito triste".

O principal ornamento, o que torna todas as crianças bonitas é, sem duvida, a innocencia. Procuree conserval-a.

L.

QUESTIONARIO

Por que preferia Aninha o Papae á Mamãe? Era justo? Por que lhe faria o Papae todas as vontades e a Mamãe não? Ella queria realmente mais ao Papae? Devia perguntar-lhe o Pae de quem ella gostava mais? Ficou elle sabendo? Teria razão de ficar triste a Mamãe si a Aninha dissesse a qual preferia?

III — Modelo de exercicio puramente oral

JÁ SEI TOMAR SOSINHO O MEU BANHO

- 1 Levanto-me *bem cedinho*.
- 2 Visto o roupão ligeiro.
- 3 Dirijo-me ao *banheiro*.
- 4 Entro nagua com muito prazer.
- 5 Lavo-me, cuidadosamente, com agua e sabão.
- 6 Enxugo bem o corpo com minha toalha felpuda.
- 7 Preparo-me e saio do banho com muito appetite.
- 8 Mamãe diz que não se pôde nem se deve passar sem banho.

IV — O que se deve explicar

- 1 Desde que idade podem as crianças tomar banho sósinhas.
- 2 Qual a hora preferida para o banho.
- 3 Como se deve ir para o banheiro.
- 4 Quanto tempo deve durar um banho frio.
- 5 Porque não basta passar agua no corpo.
- 6 Porque se deve enxugar bem o corpo.
- 7 A razão por que não nos devemos servir com toalhas de outros.
- 8 Vantagens do banho frio e do banho diario.

CLASSE ELEMENTAR

I — Dictado e recitação — Flôres e crianças

Dizei-me como é que cabem
No seio da natureza
Flores sem cheiro ou belleza
E crianças que rir não sabem?

QUESTIONARIO

Conheceis flores sem cheiro? Dizei o nome de algumas. Quaes as flôres que mais apreciaes? Por que? Pelo cheiro ou pela belleza? As crianças são tristes ou alegres? Por que não devem ser tristes as crianças? Conheceis crianças tristes?

SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

Dizei-me — contae-me.

como é que cabem — como é que encontram lugar.

no seio da natureza — no mundo, na terra.

flôres sem cheiro ou belleza — flôres que não têm perfume nem formosura.

e crianças que rir não sabem — crianças, meninos [tristes, que não riem nem brincam.

II — Vocabulario e elocução — O vento

(As cousas e suas qualidades explicadas e constituindo assumpto para muitas lições).

Uma corrente de ar frio. Um golpe de ar quente. Uma brisa ligeira. O vento impetuoso. O sopro glacial. A rajada violenta. A borrasca inesperada. A tempestade furiosa. O vendaval desencadeado. Um suave reflexo. O vento poderoso. O moinho. A rosa dos ventos. O ventilador electrico. O paravento. O leque. A ventarola. O abano.

As acções. A roda gira, escorraça; o vento attrae, projecta, reanima; o vento passa, acaricia; o vento poderoso sibila, sobe, eleva-se, desencadeia-se, faz raiva, estremece, abate derruba, destrôe, carrega.

Seus effeitos. Indicar as circumstancias que os provocam.

Quando. Quando se está suando, uma corrente de ar frio pôde causar uma grave bronchite. Quando se vem do ar puro e fresco do exterior, respirando-se uma baforada de ar quente, sente-se máo estar. Quando a lavadeira estende a roupa, fica satisfeita se apparece uma brisa leve, que secca mais rapidamente a roupa.

REDACÇÃO.

1) *O papagaio* — Colloco-me contra o vento, quando quero soltar papagaio. Elle sóbe mais depressa quanto mais forte é o vento. Muitas vezes, para fazel-o subir nem tenho necessidade de caminhar. Si a cauda é pesada o papagaio se eleva regularmente, á proporção da corda que lhe dei. Quando o vento acalma sou obrigado a correr, porque do contrario elle dá uma *cabeçada* e cae de uma só vez em linha recta ao solo.

2) *O vento* — Ha quinze dias houve um vento terrível. Em nossa casa ouviamos o sibilar através das portas e janellas. Os postigos estalavam. Poder-se-ia dizer que o tecto ia ser carregado. A chaminé balançava, estalava a cumieira e parecia, com tanta furia, voaria tudo. Fôra, a poeira era insupportavel. Os transeuntes e os animaes procuravam abrigo.

CLASSE MEDIA

VOCABULARIO, GRAMMATICA, ORTHOGRAPHIA

(Leitura e recitação)

A flôr sem perfume

Lili segue o jardineiro no jardim a colher flores; wae de canteiro em canteiro tal e qual os beija-flôres.

E nota — factu exquisito! — que o jardineiro escolhia, ao girasol tão bonito sempre a rosa preferia!

— Por que, pergunta, curiosa, notando essa cousa extranha, você só apanha a rosa e o girasol não apanha?!

O girasol, meu thesouro, responde o bom jardineiro, parece que é feito de ouro, mas não tem o menor cheiro!

Quando em casa ao factu allude, mamãe, que a ouvia, resume: —A belleza sem virtude, é como a flôr sem perfume!

DOMINGOS MAGARIÑOS.

SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

Segue — acompanha.
a colher — apanhando, a apanhar.
vae de canteiro em canteiro — chega-se a todos [os canteiros, aproxima-se.
tal e qual — de modo semelhante, à semelhança.
nota — vê, observa.
factu exquisito — cousa extranha, admiravel, [inexplicavel.
escolhia — apanhava, colhia, preferia.
preferia — queria, achava melhor.
pergunta — indaga.
curiosa — admirada, com interesse.
notando — reparando.
extranha — exquisita.
thesouro — joia.
responde — diz, replica.
parece — dá impressão.
tem — possui.
factu — caso.
allude — refere-se
resume — explica.
belleza — formosura.
virtude — qualidades apreciaveis.
é como — assemelha-se.
perfume — odor, cheiro.

Desenvolvimento. — Como seria a Lili? (Tamanho, idade, typo e modo de trajar). O jardim?

(Como estava trajado, o que devia levar nas mãos, seu trabalho) Que flôres haveria no jardim? (Nomes e descripção de algumas). Por que acompanhava Lili o jardineiro? Sua observação. Resposta. Conclusões e commentarios.

REDACÇÃO — *Um trem de ferro.*

Plano. A locomotiva, suas partes; o carro depositado de carvão (tender); os carros de passageiros de diferentes classes; o carro de bagagem.

Modelo. Fui passar uns dias no Meyer, em casa de meus tios. Entrei pela primeira vez em um trem. Que satisfação! Pois si eu não conhecia um trem de ferro... Curioso, atormentei com perguntas diversas a Papae, e elle pacientemente explicou tudo. Fiquei sabendo que a enorme machina que vae na frente do trem chama-se locomotiva. Vi ahí uma grande caldeira cylindrica, onde se fôrma o vapor que faz mover o trem, e que é aquecida pela fornalha cheia de carvão de pedra em combustão. Fumaça em grande quantidade sahia pela chaminé curta e cylindrica. Logo atraz da locomotiva mostrou-me Papae um grande carro depositado de carvão de pedra, o *tender*, e os carros de passageiros de 2ª e 1ª classes, estes ultimos de melhor aspecto e por isso exigindo preço mais elevado de passagem, e, finalmente, um carro fechado, sem janellas, cheio de muitas bagagens. Como é admiravel um trem de ferro, e como seria delicioso viajar se não fôra a poeira que levanta quando se move e corre velozmente!

CLASSE COMPLEMENTAR

VOCABULARIO, GRAMMATICA, ORTHOGRAPHIA

Leitura e Recitação

Contraste

Após o lucto do inverno, do triste inverno sombrio, Deus, no seu saber eterno, dá-nos as galas do estio.

Onde imperava a tristeza, agora a alegria impera; parece que a natureza outra vida recupera!

Em vez dos frios rigores, ha sol dourando os caminhos; touca-se o campo de flôres, começa o idyllio dos ninhos!

Transforma-se, por encanto, a terra num paraizo; esvae-se a noite do pranto, floresce a aurora do riso!

Tudo se anima e se eleva neste contraste frisante; cae sobre as flôres da treva a luz — o polen radiante.

Vós, cujos dias contemplo mais tristes do que a invernia, meditae sobre este exemplo que Deus, do céu nos envia.

DOMINGOS MAGARIÑOS.

SUBSTITUIÇÃO DE TERMOS E EXPRESSÕES

Após o lucto do inverno — depois da tristeza do

[frio.

do triste inverno sombrio — do lugubre frio mo-

[notono.

Deus no seu saber eterno — Deus sempre omni-

[siente.

dá-nos as galas do estio — concede-nos as bellezas

[do verão.

Onde imperava a tristiteza — no lugar em que

[predominava a melancolia.

agora a alegria impera — neste momento o ju-

[bilo reina.

parece que a natureza — afigura-se-nos que to-

[dos os seres.

outra vida recupera — viço diverso volta a ter.

Em vez dos frios rigores — em lugar de tempe-

[ratura baixa, implacavel.

ha sol dourando os caminhos — ha luz e calor

[pelas estradas.

touca-se o campo de flôres — enflora-se o pra-

[do, a campina.

começa o idyllio dos ninhos — chilream os pas-

[sarinhos.

Transforma-se por encanto — muda-se magica-

[mente.

a terra num paraizo — o mundo num céu aberto.

esvae-se a noite do pranto — desaparece a tris-

[teza das lagrimas.

floresce a aurora do riso — surge a manhã da

[alegria.

Tudo se anima e se eleva — todos os seres revi-

[vem e se erguem.

neste contraste frisante — nesta antithese accen-

[tuada

cae sobre as flores da treva — estende-se sobre

[o que o inverno deixou.

a luz — o polen radiante — o alegre sol que ani-

[ma e fecunda.

Vós, cujos dias contemplo — vós, cuja vida meus

[olhos acompanham.

mais tristes do que a invernia — mais melanco-

[licos do que o frio.

meditae sobre este exemplo — reflecti sobre esta

[lição.

que Deus, do céu nos envia — que Deus, do alto

[nos manda.

COMMENTARIO DA POESIA. — O poeta mostra, de um lado, as tristezas do inverno, de outro, as ale-

grias do verão. Faz-nos observar a natureza em festa, quando se despede o triste inverno, rigoroso e inclemente, substituindo pelo radiante estio, que alegra os campos e dá vida aos ninhos, a magica mudança que leva o riso onde havia lagrimas, animação e vida de que a luz fecundante do sol é origem. E' a lição, diz o poeta aos tristes e desanimados, que Deus permite tirar da propria natureza: esperança aos que soffrem e choram, alegria aos tristes e desconsolados.

REDACÇÃO — *A minha boneca.*

A minha boneca, a linda "Francezinha", loura como um cherubim, aquella que recebi aos cinco annos, no dia de Natal, está guardada, coitadinha! no gavetão da commoda... Si ella sentisse alguma cousa, si falasse, si lhe fosse dado fazer uma queixa... estaria certamente muito zangadinha commigo! Chamaria a sua Mãezinha de ingrata certamente. E não o sou, posso garantir. Muito bons serviços me prestou a "Francezinha"! Era eu quem a vestia, quem arranjava toda a sua roupinha, quem a despia, quem lhe guardava as camisinhas, as calcinhas, a saia branca, os vestidos de casa, de passeio e de visitas, as meias, os sapatos, o chapéo. Por sua causa habituei-me a ter espirito de ordem. Para trazer a sempre bonita, aprendi a coser. Eu, que ria bem no rigor da moda! Consultava para tal os figurinos, prestava attenção aos vestidos expostos nas lojas e os que traziam as minhas amiguinhas. Quando era menor, ralhava tal qual a Mamãe me fazia; censurava o "seu desleixo, a sua gula, as suas travessuras; repetia-lhe os bons conselhos que me davam; emprestava-lhe todas as minhas qualidades boas e más, fazia-lhe repetir as minhas promessas, os meus bons propositos. Governava-a, dirigia-a da mesma fôrma que a Mamãe. Chamava-a de minha filhinha, abraçava-a quando me sentia triste por não ver satisfeitos os meus desejos. Parece-me que lhe queria tanto quanto a boa Mamãe a nós.

Não! ingrata não sou. Ando só muito atarefada com os estudos. Devo tanto á minha "Francezinha", proporcionou-me tão bons instantes! Conversavamos tão intimamente, nunca brigavamos, porque eu lhe dizia o que sentia, e ella só me respondia o que eu desejava. Não a darei a ninguem!

ENSINO SCIENTIFICO

CLASSE MATERNAL

NUMERO PAR

Explicação.

I) Despertar a attenção das crianças para os objectos que figuram dous a dous. Dizer-lhes, por exemplo, que em obediencia ás regras do gosto e da symetria costumamos vestir, calçar ou adornar egualmente os braços, as mãos, as orelhas etc.

II) Mostrar ás crianças que ellas usam na mesma occasião sapatos, ou meias, ou ligas, ou mangas etc. da mesma côr, do mesmo tamanho, da mesma qualidade, do mesmo feitio, em summa, perfeitamente eguaes ou symetricas. Nota: Luvas, botas de

abotoar, molde de mangas são bons exemplos de symetria.

III) Dar a noção de PAR, mostrando ás crianças que dous objectos eguaes ou symetricos, destinados a serem utilizados juntos, constituem UM PAR. Por essa razão, em vez de dizermos: dous brincos, duas luvas, dous borzeguins etc., empregamos a expressão: um par de brincos, um par de luvas, um par de borzeguins etc.

IV) Ensinar que o numero DOUS, pelo factu de representar UM PAR, é chamado NUMERO PAR.

V) Acrescentar que o termo PAR não se applica sómente ás peças de vestuario ou adorno do corpo e estende-se a todo ornato que consta de DUAS peças eguaes ou symetricas, como: vasos, estatuetas, columnas, tapetes, cortinas etc.

VI) Fazer com que as crianças citem variados exemplos de pares, como sejam: par de punhos, par de perneiras, par de polainas, par de fronhas, par de lençóis, par de calças, par de chinellas, par de patins, par de sandalias, par de tamancos, par de travessas, par de grampos, par de galochas, par de olhos, par de fivelas.

CLASSE ELEMENTAR

PRIMEIRO ANNO

Formação e escripta dos numeros comprehendidos entre 1 e 20; composição e decomposição dos mesmos.

Explicação.

I) Verificar si os alumnos conhecem bem os dez algarismos. Para tal fim pôde-se empregar o seguinte artifício: Tomar varias collecções de dez cartões, tendo cada qual impresso um dos dez algarismos. Dar a cada alumno um ou mais destes cartões e guardar para si uma collecção completa. Tirar ao acaso um cartão, mostral-o aos alumnos, mandar que todos leiam em voz alta o algarismo exposto e pedir que vejam si d'entre os cartões, que receberam, algum ha com este algarismo. Os alumnos que tiverem o algarismo sorteado têm licença de se levantar e os que houverem acertado virão ao quadro negro para escrever o referido algarismo.

II) Certificar-se de que os alumnos sabem o que exprime cada algarismo. Para isso pôde-se applicar o seguinte exercicio: Representar no quadro negro grupos de signaes, de um a nove desordenadamente, como sejam: 7 linhas, 4 circulos, 2 cruces, 5 triangulos, 8 estrellas etc. Mandar os alumnos reproduzirem nas suas lousas estes grupos de signaes e escreverem abaixo de cada grupo o numero que os exprime.

III) Insistir sobre a noção de DEZENA, mostrando que a um grupo de DEZ unidades da mesma especie dá-se o nome de DEZENA e esta se representa com dous algarismos 1 e 0 (10). O algarismo 1 collocado na segunda casa indica UMA DEZENA e o algarismo 0 na primeira casa mostra que não ha NENHUMA UNIDADE além das unidades contidas no grupo denominado DEZENA.

IV) Juntar successivamente UMA UNIDADE ao numero anterior e de cada vez explicar a formação e representação do numero resultante. Assim (trabalhando com bolas, palitos, lapis ou grampos etc.), si juntarmos uma unidade a uma dezena exacta ou dez unidades, obteremos UMA DEZENA e UMA UNIDADE ou DEZ e UM, que se enuncia ONZE e se representa com dous algarismos 1 e 1 (11). O algarismo 1 da esquerda, isto é, da segunda casa, mostra que ha UMA DEZENA e o algarismo 1 da direita ou da primeira casa mostra que ha UMA UNIDADE além das unidades contidas no grupo denominado DEZENA. Por este processo chegar á formação do numero DEZENOVE.

V) Chamar a atenção dos alumnos para o numero que segue a dezenove. Ha agora UMA DEZENA e DEZ UNIDADES ou DEZ e DEZ, que se enuncia VINTE. Encaminhar os alumnos para que reconheçam que estas DEZ UNIDADES destacadas têm o mesmo direito de ser grupadas para se formar nova DEZENA e d'ahi concluem que o resultado vem a ser DUAS DEZENAS e NENHUMA UNIDADE, donde a sua representação será 2 e 0 (20). O algarismo 2 na segunda casa significa DUAS DEZENAS e o algarismo 0 na primeira casa significa NENHUMA UNIDADE.

Exercicio escripto.

I) Dictado de numeros comprehendidos entre 1 e 20, variando o enunciado quando o numero for superior a nove.

Exemplo: seis; tres; doze; uma dezena e cinco unidades; dez e tres; dezoito; duas dezenas; um na segunda casa e quatro na primeira; dezasete; dez e nove; onze.

II) Dispor em linha vertical os numeros dictados e representar no alinhamento de cada numero um grupo de signaes em numero igual ao correspondente nesta linha. Exemplo:

6 |||||
3 + + +
12

Exercicio oral.

I) Com que algarismos se escreve uma dezena e duas dezenas? treze unidades?

II) Dizei os numeros que se compõem de:

- Uma dezena e seis unidades;
- Uma dezena e uma unidade;
- Uma dezena e nove unidades;
- Uma dezena e quatro unidades;
- Duas dezenas e nenhuma unidade.

III) Qual é a casa das dezenas? das unidades?

IV) Em 19, quantas dezenas? quantas unidades além da dezena?

V) Quantas unidades em uma dezena? em duas dezenas?

VI) Decompor o n.º 15 em dezenas e unidades —R. Uma dezena e cinco unidades ou dez mais cinco.

PROBLEMAS

I) Carlos tem 9 annos; Julio é mais velho que elle 5 annos. Quantos annos tem Julio?

II) Eu tinha 11 estampilhas; hontem inutilizei 4. Quantas estampilhas tenho agora?

III) Um alumno tinha que decorar 3 quadras; sabendo que uma quadra consta de 4 versos, quantos versos tinha elle que decorar?

IV) Um jardineiro plantou 15 craveiros, distribuindo-os egualmente por 5 canteiros. Quantos craveiros plantou em cada canteiro?

CALCULO MENTAL

I

2+1+3=? 4+3+1=? 6+1+2=? 8+1+3=?
2+2+3=? 4+1+3=? 6+5+3=? 8+2+1=?
3+3+2=? 5+2+2=? 7+5+1=? 9+2+4=?
3+2+1=? 5+5+1=? 7+1+3=? 9+1+5=?
3+1+4=? 5+4+3=? 7+4+3=? 9+3+1=?

II

1+8-2=? 6+4-1=? 10-1+3=? 8-2+1=?
2+7-1=? 7+1-3=? 10-2+4=? 7-2+3=?
3+5-2=? 8+3-1=? 9-2+4=? 7-3+5=?
4+4-1=? 9+3-1=? 9-3+1=? 6-3+5=?
5+2-3=? 10+2-1=? 8-3+4=? 6-1+4=?

III

2x2+3=? 3x2+2=? 2x5-3=? 3x4-1=?
2x3+1=? 3x1+3=? 2x3-1=? 3x3-2=?
2x4+2=? 4x2+3=? 2x2-3=? 4x1-1=?
2x5+1=? 4x4+2=? 2x4-2=? 4x2-3=?
3x3+1=? 4x3+1=? 3x2-3=? 4x3-2=?

IV

10÷2+3=? 6÷2+5=? 2÷2-1=? 7÷1-3=?
10÷5+4=? 6÷3+5=? 3÷3-0=? 8÷2-3=?
9÷3+5=? 5÷5+4=? 4÷2-1=? 8÷4-1=?
8÷2-3=? 4÷2+3=? 5÷1-2=? 9÷3-2=?
8÷4+4=? 3÷1+5=? 6÷2-1=? 10÷2-3=?

CLASSE ELEMENTAR

SEGUNDO ANNO

Numeração oral e escripta até 1.000.

Explicação.

I) Mostrar que na leitura e escripta dos numeros empregamos muito poucas palavras e apenas dez algarismos. Na numeração oral até 1.000 são estas as palavras: um, dous, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem, duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, novecentos e mil. Para se escreverem todos os numeros são estes os algarismos:

FIGURA	NOME	VALOR
0	Zero	NADA
1	Um	
2	Dous	
3	Tres	
4	Quatro	
5	Cinco	
6	Seis	
7	Sete	
8	Oito	
9	Nove	

O zero, como tem valor nullo, é chamado algarismo NÃO SIGNIFICATIVO em opposição aos outros que são chamados algarismos SIGNIFICATIVOS.

II) Recordar que se começa a contar pela unidade, tambem chamada UM, e se vai juntando successivamente uma unidade para obter os demais numeros cuja serie não tem fim.

III) Dizer que os nove primeiros numeros são chamados UNIDADES SIMPLES, constituem unidades de PRIMEIRA ORDEM, occupam a primeira casa e cada qual se escreve com um só algarismo.

IV) Lembrar que DEZ UNIDADES SIMPLES formam UMA DEZENA; contam-se as dezenas da mesma forma que se contam as unidades; as dezenas constituem unidades de SEGUNDA ORDEM, occupam a segunda casa á esquerda e se representam com dous algarismos.

Uma dezena	ou	DEZ	escreve-se	10
Duas	"	VINTE	"	20
Tres	"	TRINTA	"	30
Quatro	"	QUARENTA	"	40
Cinco	"	CINCOENTA	"	50
Seis	"	SESENTA	"	60
Sete	"	SETENTA	"	70
Oito	"	OITENTA	"	80
Nove	"	NOVENTA	"	90

V) Mostrar que os numeros comprehendidos entre duas dezenas consecutivas se formam com o acrescimo dos nove primeiros numeros, assim: dezesseis; vinte e oito; trinta e sete; quarenta e tres etc.; exceptuam-se dez e um, dez e dous, dez e tres etc.; e quatro, dez e cinco que foram substituidos por ONZE, DOZE, TREZE, QUATORZE, QUINZE.

VI) Guiar os alumnos para que tirem a conclusão de que DEZ DEZENAS podem formar um grupo

do mesmo modo que DEZ UNIDADES formam o grupo DEZENA. Dizer-lhes que ao grupo de DEZ DEZENAS dá-se o nome de CENTENA; DEZ DEZENAS formam pois UMA CENTENA; contaremos por centenas da mesma forma que contamos por dezenas e por unidades; as centenas constituem unidades de TERCEIRA ORDEM, occupam a terceira casa e se escrevem com tres algarismos.

Uma centena	ou	CEM	ou	CENTO	escreve-se	100
Duas	"	DUZENTOS	"		"	200
Tres	"	TREZENTOS	"		"	300
Quatro	"	QUATROCENTOS	"		"	400
Cinco	"	QUINHENTOS	"		"	500
Seis	"	SEISCENTOS	"		"	600
Sete	"	SETECENTOS	"		"	700
Oito	"	OITOCENTOS	"		"	800
Nove	"	NOVECENTOS	"		"	900

VII) Explicar que os numeros comprehendidos entre duas centenas consecutivas se formam com o acrescimo dos noventa e nove primeiros numeros, assim: cento e um, cento e dous, cento e tres... etc.

VIII) Encaminhar novamente os alumnos para que deduzam que DEZ CENTENAS formam um grupo assim como DEZ UNIDADES formam o grupo DEZENA e DEZ DEZENAS formam o grupo CENTENA. Dizer-lhes que se chama MILHAR ou melhor UNIDADE DE MILHAR a este novo grupo; DEZ CENTENAS formam pois UM MILHAR ou UMA UNIDADE DE MILHAR; os milhares constituem unidades de QUARTA ORDEM, occupam a quarta casa e se escrevem com quatro algarismos.

IX) Acrescentar que as UNIDADES SIMPLES, as DEZENAS e as CENTENAS formam a PRIMEIRA CLASSE, chamada a CLASSE DAS UNIDADES e os MILHARES são as unidades da SEGUNDA CLASSE a qual se ha de chamar a CLASSE DOS MILHARES.

Exercicio escripto.

I) Dictado de diversos numeros compostos de tres algarismos e decomposição dos mesmos em dezenas e unidades; centenas e unidades; finalmente em centenas, dezenas e unidades. Exemplo: Seja o n.º 475.

475 = 47 dezenas e 5 unidades ou 470+5.
475 = 4 centenas e 75 unidades ou 400+75.
475 = 4 centenas, 7 dezenas e 5 unidades ou 400+70+5.

II) Representar por algarismos os numeros comprehendidos de trinta a setenta; de noventa a cento e vinte; de duzentos e quinze a trezentos e dez; de quinhentos e sessenta a seiscentos e quarenta.

III) Completar as seguintes phrases:
Uma centena vale...dezenas ou... unidades.
Uma dezena vale... unidades.
Um milhar vale... dezenas,... centenas ou... unidades.

EXERCICIO ORAL

I

Quantas unidades em 3 centenas?
" " " 8 dezenas?
" " " 1 milhar?
" dezenas " 7 centenas?
" " " 1 milhar?
" centenas " 1 milhar?

II) Com quantos algarismos se escrevem as dezenas? as unidades de milhar? as unidades simples? as centenas?

III) Como se chamam as unidades da terceira ordem? da quarta ordem? da segunda ordem? da primeira ordem?

IV) Quantos são os numeros que se escrevem com um só algarismo? — 9; com dous algarismos? — 99—9=90; com tres algarismos? — 999—99=900.

CALCULO MENTAL

I

Sabendo que 3 mais 3 é igual a 6, dizei a quanto é igual: 53 mais 3; 83 mais 3; 13 mais 3; 63 mais 3; 93 mais 3; 43 mais 3; 23 mais 3; 73 mais 3; 33 mais 3.

Sabendo que 4 mais 4 é igual a 8, dizei a quanto é igual: 64 mais 4; 14 mais 4; 34 mais 4; 84 mais 4; 24 mais 4; 54 mais 4; 44 mais 4; 94 mais 4; 74 mais 4.

Sabendo que 5 mais 5 é igual a 10, dizei a quanto é igual: 45 mais 5; 75 mais 5; 35 mais 5; 25 mais 5; 55 mais 5; 15 mais 5; 85 mais 5; 65 mais 5; 95 mais 5.

II

Contar, de cinco em cinco, de 0 a 100; de 101 a 201; de 202 a 302; de 303 a 503; de 504 a 704; de 805 a 1.000. O mesmo exercicio em sentido inverso.

III

Contar, de dez em dez, de 0 a 150; de 101 a 311; de 152 a 362; de 203 a 423; de 304 a 504; de 415 a 555; de 526 a 746; de 707 a 907; de 808 a 958; de 839 a 999. O mesmo exercicio em sentido inverso.

PROBLEMAS

I) Compró uma sopeira por 5\$800, uma saladeira por 4\$500 e uma manteigueira por 3\$000. Pago com uma cedula de 208. Quanto hei de receber de troco?

SOLUÇÃO

5\$800 + 4\$500 + 3\$000 = 13\$300
20\$000 - 13\$300 = 6\$700

ou

Sob forma de expressão:
20\$000 - (5\$800 + 4\$500 + 3\$000) =
= 20\$000 - 13\$300 = 6\$700

RACIOCINIO

É preciso primeiramente saber em quanto importam as compras, o que se consegue por meio da addição:

5\$800 + 4\$500 + 3\$000 = 13\$300.

Uma vez calculada a importância, acha-se o valor do troco subtraindo a somma da despeza da quantia dada ao vendedor para se cobrar:

20\$000 - 13\$300 = 6\$700.

RESPOSTA — Hei de receber 6\$700 de troco.

II) Um cutileiro tinha 23 duzias de facas; vendeu meio cento; quantas facas lhe ficaram?

SOLUÇÃO

12 × 23 = 276
100 ÷ 2 = 50
276 - 50 = 226

ou

(12 × 23) - (100 ÷ 2) = 276 - 50 = 226

RACIOCINIO

Uma duzia tem 12 unidades, logo 23 duzias devem ter vinte e tres vezes mais, isto é,

12 × 23 = 276.

Um centô tem 100 unidades, logo meio cento terá a metade de 100, isto é,

100 ÷ 2 = 50.

Ora, si as facas eram em numero de 276 e si foram vendidas 50 facas, logo as facas que ficaram hão de ser em numero igual à diferença entre 276 e 50, isto é,

276 - 50 = 226.

RESPOSTA — Ficaram ao cutileiro 226 facas.

III) Um negociante tinha 5 peças de fazenda de 176 metros cada uma; depois de haver vendide 844 metros, retalhou a fazenda em 4 côrtes eguaes. Dizei o nº. de metros em cada côrte.

SOLUÇÃO.

176 m × 5 = 880 m (Nº. de metros em 5 peças).
880 m - 844 m = 36 m (Nº. de metros restantes);
36 m ÷ 4 = 9 m (Nº. de metros em cada côrte).

Sob forma de expressão :

(176 m × 5 - 844 m) ÷ 4 = (880 m - 844 m) ÷ 4 =
= 36 m ÷ 4 = 9 m.

RESPOSTA — Cada côrte tem 9 metros de fazenda.

IV) Um operario ganha por semana 39\$600 e gasta 28\$800.

Qual a sua economia no fim do anno?

SOLUÇÃO

39\$600 - 28\$800 = 10\$800
10\$800 × 52 = 561\$600

ou

Sob forma de expressão :

(39\$600 - 28\$800) × 52 =
= 10\$800 × 52 =
= 561\$600.

OPERAÇÃO

12
23

36
24

276

RACIOCINIO

A economia em uma semana é representada pela diferença entre o ganho e o gasto, isto é,

39\$600 - 28\$800 = 10\$800.

A economia em um anno será a economia de uma semana repetida cincoenta e duas vezes, porque o anno tem 52 semanas, isto é,

10\$800 × 52 = 561\$600

RESPOSTA — O operario no fim do anno terá 561\$600 de economia.

LÉONIE DE F. ANGLADA.

HISTORIA NATURAL

CLASSE ELEMENTAR

2.º anno

Os sentidos

Ainda uma vez cedemos aqui a palavra ao sabio traductor das *Primary Object Lessons*, a pags. 569:

"Introdução. — Discorra o professor com os discipulos sobre a serventia que têm as portas e janelas em uma casa, associando essas noções á das janelas e portas do corpo, vivenda da alma. Figure-se na boca a porta dos alimentos e bebidas, por onde penetra o *gosto* do que levamos a ella, e sae a voz; o nariz, como a porta por onde a respiração entra, e sae, e se insinúa o *cheiro* das coisas; o ouvido, como a porta por onde têm ingresso os *sons*; os *olhos*, como as janelas por onde a alma olha para fóra, e desfruta a formosura das maravilhas do universo; as *palpebras*, como as cortinas dessas janelas.

Os olhos. — Fale o mestre aos alumnos da utilidade dos olhos; sua forma — arredondada á semelhança de esferas; seus movimentos — para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda. Exemplifique os movimentos, ordenando aos alumnos que tenham a cabeça firme, e olhem para os pés, para o tecto, para o lado esquerdo, para o lado direito. Relanceie tambem o professor os olhos desse modo, recommendando aos meninos que lhe observem os movimentos. Onde houver aso de terem as crianças perto de si gallinhas, ou quaesquer outras aves, faça reparar aos alumnos que os olhos desses animaes ficam aos lados da cabeça, e não são, como os nossos, susceptiveis de mover-se em todos os sentidos. Leve assim os discipulos á comprehensão de que os olhos humanos occupam a melhor situação possivel para nós.

Mostrando-lhes um cubo, um côno, um cylindro, uma esphera, faça notar ás crianças que a fórma globular é a mais adaptada ás funções do olho. Ensine-lhes que o bogalho do olho chama-se *globo do olho*, por ser redondo como um globo, esphera ou bola; fale-lhes na extrema delicadeza dos olhos, na protecção que lhes é mister. Chame-lhes a attenção para o modo como a natureza os resguardou, encerrando-os entre a fronte, as fontes, as faces e o nariz; o que o

alumno examinará, palpando, e observando, assim, que os olhos estão collocados em profundas cavidades, designadas pelo nome de *orbitas*, e constituídas pela disposição dos ossos.

As palpebras. — Attentem as crianças, e falem nas duas *palpebras*, que se podem arregaçar, e baixar, á maneira de cortinas, ou gelosias, abrigando os olhos, quando os cerramos, da luz demasiada, cobrindo-os, quando dormimos, e protegendo-os do pó.

Partes do olho. — Encaminhe o mestre as crianças a observarem as partes do olho, reparando nos olhos umas das outras, de modo que notem o *branco do olho*, o logar que se denomina *pupilla*; o anel colorido (no branco do olho), que circula a *pupilla*, e tem o nome de *iris*, variando em côr de individuo a individuo. Ensine aos alumnos que a mancha preta circular é a parte por onde vemos; que o seu nome é *pupilla*; que o circulo colorido em torno da *pupilla* se designa pelo nome de *iris*; que este é a cortina, com que cerramos, ou abrimos a *pupilla*; que, quando o sol dardeja vivamente, essa cortina contrae-se em derredor della, deixando descoberta apenas uma manchinha, por onde a luz penetra; que, se estamos em aposento onde escasseia a luz, essa cortina se descerra, dilatando-se a *pupilla*, até receber luz sufficiente. Recomende aos meninos que observem os olhos do gato á claridade, depois no escuro; notando a diferença entre o tamanho da *pupilla* no primeiro e no segundo caso, bem assim a forma da *pupilla* desse animal. Observados os olhos do gato, fale ás crianças na utilidade que a esse animal resulta do poder alargar as *pupillas* ao ponto de enxergar por entre a escuridão da noite."

Agora passa o autor ao segundo exercicio, em que trata das lagrimas, das pestanas e das sobranceilhas. E' o que veremos a seguir.

CLASSE MÉDIA

2.º anno

Os animaes — Caracteres geraes dos vertebrados

Mostrar que, dada a grande quantidade de animaes diversos que existem no mundo, seria impossivel estudal-os um por um. Ha necessidade de reunir em grupos os animaes que apresentam alguns caracteres communs. Basta então estudar os caracteres de um, para se inferir um conhecimento dos outros. Neste trabalho consiste a *classificação*.

Consideremos, por exemplo, um boi, uma gallinha, um jacaré, um sapo e uma tainha. Estes animaes são radicalmente diversos uns dos outros pelo seu aspecto externo, pelo modo de andarem, de se alimentarem, etc. Entretanto apresentam um caracteristico commum — uma armação interna, feita de peças resistentes, um esqueleto osseo cujo eixo é uma columna de pequenos ossos, ou *vertebras*, e que se denomina columna vertebral.

Todos os animaes que possuirem, como es-

OPERAÇÕES

39\$600
28\$800

10\$800

10.800
52

216
540

561.600

tes, um *esqueleto osseo interno*, com uma *columna vertebral*, serão reunidos em um grande grupo, em um *ramo*, a que chamaremos *ramo dos animais vertebrados* ou simplesmente dos *vertebrados*.

Os outros animais que existem são reunidos também em ramos diversos. Todos os que constituem taes novos ramos apresentam este grande característico commum: não possuem esqueleto interno, são *invertebrados*, isto é, animais desprovidos de vertebras.

O ramo dos vertebrados é bastante extenso; muito mais numerosos são porém os animais que constituem os diversos ramos dos invertebrados.

Os vertebrados formam um grupo zoologico muito bem delimitado. Caracterizam-se primeiro, conforme dissemos, pelo possuírem um esqueleto osseo interno, o qual tem por eixo a *columna vertebral*. São também vertebrados os que possuem o esqueleto não osseo, mas cartilaginoso.

Outros característicos são: a divisão do corpo em tres regiões distintas, que são a *cabeça*, o *tronco*, e a *região caudal* e o serem dotados de nunca mais de dous pares de membros articulados.

Dentro do ramo dos vertebrados é ainda necessario organizar uma classificação que facilite o estudo, pois que elles comprehendem numerosissimos animais. Entre os vertebrados tomamos aquelles que apresentam certos caracteres communs e os reunimos para formar um sub-grupo, ainda bastante amplo, a que chamaremos *classe*. Assim reunimos todos os vertebrados que amamentam seus filhinhos na idade tenra, e formamos a *classe dos Mammiferos*; todos aquelles que possuem o corpo coberto de pennas

ou plumas, e constituimos a *classe das Aves* e assim por deante.

As classes, dividimol-as em *ordens*, as ordens em *familias*, as familias em *generos* e os generos em *especies*. Cada animal diverso, que tem um nome determinado, constitue uma *especie*. Assim *gato, cão, tigre, panthera, urso*, etc., são especies.

GLASSE COMPLEMENTAR

2.º anno

Recapitulação e desenvolvimento da circulação

Nesta classe proporá o professor, no correr do interrogatorio de revisão, certas questões, cujas respostas conduzirá ou dará.

Assim explicará o mecanismo das valvulas do coração e dos outros vasos, a sua necessidade e o seu papel; mostrará a differença no modo de se escoar o sangue das arterias e das veias; tratará summariamente do systema da veia porta, dos capillares hepaticos e renaes, mostrando como se faz no organismo a depuração do sangue; dará noção do systema lymphatico e da circulação da lymphá; mostrará como se faz a defesa do organismo pelos globulos vermelhos; o que são a anemia, as hemorragias, etc.

Nunca nos parecerá assaz recommendada a abolição dos pontos dictados ou copiados, meio anachronico e obsoleto de atulhar a memoria dos discipulos sem nenhum proveito para o ensino, que ha de ser sempre ministrado em palestra e nunca em exposição.

O. S. R.

THEATRO INFANTIL

O JARDINEIRO E A ROSA

ELLA — Uma rosa bellissima.

ELLE — Um jardineiro encantador.

ELLA (Canta):

Vivo risonha neste jardim,
Aos quentes raios do sol nascente;
Zumbem insectos em torno a mim,
Cantam cigarras em tom dolente.

Por entre as folhas dos matagaes
A brisa passa mansa a cantar.
Voam nos ares meigos pardaes,
Buscam os ninhos sempre a chilrar.

ELLE (Entrando, fala):

— Que cantas rosa gentil?

ELLA:

— As delicias do meu viver livre entre as minhas irmãs.

ELLE:

— Que encanto poderás encontrar em tal viver?
Vim buscar-te. Vais orgulhosa enfeitar uma rainha.

ELLA (Entristecida canta):

A minha sorte é bem triste!
Adeus bellezas da vida,
Servir de ornato consiste
O meu viver, minha lida.

Qu'importa o collo ser nobre,
Se tudo eu perco também,
Mais vale livre ser pobre,
E não servir a ninguém.

ELLE (Canta):

Orgulho immenso só te domina
Rosa, não debes assim falar,
Tu és rainha, é tua sina
Em toda parte sempre brilhar.

Queres, oh! Rosa, sorte melhor
Que das rainhas ser ornamento?
Ter-se uma côrte sempre ao redor?
Ser entre as flôres regio elemento?

ELLA (Fala):

— Triste celebridade!...

ELLE (Fala):

— Triste! Quantas te invejarão a sorte? Quantas não queriam estar em teu logar!...

ELLA:

— Por que não me substituem?

ELLE:

— Por lhes faltar justamente a tua belleza, o teu encanto, a fragancia deliciosa da tua esplendida corolla.

ELLE (Canta):

A tua côr tão brilhante
O teu perfume subtil,
O porte sempre elegante
Que te distingue entre mil,

Tornaram-te a escolhida
Para a belleza ostentares.
Nas salas, Rosa querida,
Vão adorar-te em altares.

ELLA (Canta):

Prefiro a vida livre ao sol quente,
A's agonias de atra prisão.

ELLE (Canta):

Quero levar-te, verás, contente,
Serás rainha, lá no salão.

ELLA (Canta):

Não jardineiro, peço não queiras,
Golpe tão fundo em mim vibrar.

ELLE (Canta):

Verás, oh! rosa, entre as faceiras
A mais faceira, vais dominar.

ELLA (Fala):

— Cruel jardineiro, queres então arrancar-me á vida de socego que passo aqui?

ELLE (Fala):

— Sim, nenhuma como tu sabe ostentar igual majestade. E depois és o meu orgulho: é preciso que me honres.

ELLE (Canta):

Partamos! Vem ostentar
O teu perfume e belleza.

ELLA (Canta):

Oh! não; me deixa ficar
Tem dô da minha tristeza.

ELLE (Canta):

Irás!
(Caminha de braços estendidos para segural-a).
Preciso vem já,
Cumprir tu debes a sorte.

ELLA (Canta):

Não vou (foge) ás honras de lá,
Prefiro as dôres da morte.

(Deixa cair petalas de rosa. O Jardineiro recua desolado. Pode ser cantado com a musica da Buena Dicha.)

A. M.

CONFERENCIA INFANTIL

Chegou-me também a vez de prender por alguns instantes a vossa attenção.

Tarefa honrosa! Não vos parece? Mas pesada que ella é!...

Vós que sorris bondosos e que me olhaes attentos, esperaes de certo que ides ouvir um monologo ou alguma cançoneta.

Nada disso!... são cousas muito antigas que não me preocupam mais!... Nos dias de hoje têm-se outras aspirações!... Desde que, com frequencia vejo nas folhas que a Sra. X fez uma conferencia, que a Senhorita B fará uma conferencia, desde então eu concebi um ideal e venho alimentando uma esperanza — vou também fazer uma conferencia.

Tal thema escolheu a Sra. X., que falou aos espiritos, a Senhorita B., falou aos corações; ora, eu, mais modesta, vou falar ás mãosinhas, e, assim, discretamente, chegarei aos espiritos e tocarei os corações!

E' a vós, pois, mãosinhas pequeninas e delicadas, é a vós que eu falo! Mãosinhas, mãosinhas, presta-me attenção!

Os poetas vos decantam, os sabios vos admiram, os corações vos amam! Mas sabeis quando? — quando, ligeiras, cuidadas, executaes um trabalho quando meigas afagaes os vossos irmãos e os vossos camaradas, quando caridosos vos estendeis sobre os afflictos e com uma caricia procuraes suavisar-lhes os soffrimentos!

Formosas mãosinhas, como vos tornaes feias quando maltrataes as plantas e os animais que sentem como nós, e como vos tornaes feias, horribes, quando tentadas, vos apoderaes do que vos não pertence!

Mimosas mãosinhas, sede santinhas, para quando, no transporte da oração, piedosas, vos puzerdes para o céu, merecerdes um doce olhar do nosso amado Jesus! Mãosinhas pequeninas, sede grandes, muito grandes, quando praticardes a caridade!...

Ai! quando o pobre vem dizer choroso
Que triste morre, que succumbe á dôr,
Sublime é vêr-se a mãosinha fraca
Forte estender-se num gesto de amor!

M. M. MENDES TEIXEIRA.

COMPRIMENTOS...

- Uma moça, Mamãe, quando passei por ella,
Disse que eu era bella...
— E serás realmente? — Oh não, Mãezinha!
— Foi então, filha minha,
Um comprimido apenas,
Destes que se ouvem ás centenas.
— E que é um comprimido?
— Um mentido elogio,
A's vezes de verdade mesmo um fio,
Porém muito esticado...
Um doce preparado
De opio, para exaltar primeiramente
Os tolos e depois, profundamente,
Adormecel-os
E embrutece-l-os.
— E não se pôde então chamar *comprimentira*?
— Realmente, minha filha, e ninguém descobrira
Antes de ti um termo tão bem feito...
Comprimentira sim... o nome está perfeito.

LUIZ RATISBONNE.

OS HERO'ES

*A's minhas sobrinhas Nireya e
Zilda Mendes Teixeira.*

ZILDA *entra em scena, trazendo livros que colloca sobre uma mesa, aproxima-lhe duas cadeiras, sáe e volta trazendo Ivo pela mão. Mostrando-lhe o que preparára, diz:*

— Vês? Eu estava sómente a tua espera, porque eu não poderia estudar tranquilla, lembrando-me que amanhã receberias uma nota má ou um merecido castigo.

Ivo (*Tendo nas mãos um jornal*) — Entretanto, minha irmã, terias feito melhor, deixando-me socegado á sombra daquellas arvores, onde eu lia as noticias dos heróes e me embalava nos meus sonhos de ser tambem um heróe, de ver um dia meu nome fulgurando nos jornaes do mundo.

ZILDA (*Com desdém*) — Heróe, tu? nessa indolencia, sem querer estudar? Só pelo pensamento! E, enquanto divagas nessas scismas, perdes o teu mais precioso tempo!

Ivo (*Resoluto*) — Zilda, não duvides, eu já disse, hei de ser um heróe!

ZILDA (*Com brandura e aproximando-se, num gesto de carinho*) — Sim, meu irmão, eu creio que poderás ser um heróe, mas, vendo-te nessa negação para o estudo, portanto para o trabalho, eu duvido que chegues ao que desejas.

Ivo (*Zangado e batendo com o pé*) — Pois não estudarei, não trabalharei e serei um heróe, verás. Eu irei para a guerra, serei um destemido, matarei muita gente e voltarei com o peito coberto de medalhas, e quando passar nas ruas todo o mundo apontando para mim dirá: — Lá vae um heróe!

ZILDA (*Afastando-se*) — Menos eu que fugindo de ti, diria: — Aquelle homem mata, fujam delle!

Ivo (*Aproximando-se de Zilda e mostrando-lhe o jornal*) — Como? Não te encanta então este telegramma? Attende: — (*lê*) O Conde de Closque com pequeno numero de soldados, tomou de assalto uma cidade, fazendo innumeradas victimas (*levantando a cabeça*) Que achas?

ZILDA (*triste*) — Que acho? Que concordo com o telegramma — fez innumeradas victimas!...

Ivo (*Com enthusiasmo*) — Então não foi um heróe.

ZILDA (*Com ar reprehensivo*) — E querias tu, por ventura, ser um heróe assim?

Ivo (*Admirado*) — E porque?

ZILDA (*Pausadamente*) — Não consideras que esses milhares de vidas, ceifadas assim, deixaram outros milhares de infelizes que choram suas perdas?

Ivo (*Deixando cair os braços e baixando o olhar, como quem principia a comprehender*) — Ah!...

ZILDA (*Continuando com sentimento*) — São paes que vêem com o vulto de seus filhos, desaparecerem os seus futuros arrimos, desabarem as suas esperanças! São irmãos que choram os verdadeiros amigos que Deus lhes deu! São filhos, innocentes creaturinhas que cedo, muito cedo, perdem quem lhes deveria dar o pão!... Isto não te commove? Querias ser um heróe assim?

Ivo (*Cruzando os braços e fazendo com a cabeça gestos affirmativos*) — Tens razão! Tens razão! (*levantando a cabeça*) Como então poderia ser eu um heróe, mas um heróe que não matasse gente?

ZILDA — Como? Maneiras não faltam e exemplos menos.

Ivo (*Sacudindo a cabeça e indicando o jornal*) — Exemplos não vejo; os jornaes só trazem os da guerra, mas esses todos, matam.

ZILDA — Sim, os jornaes só trazem os da guerra, mas não deve ser a vontade de veres teu nome nos jornaes, que te deve levar a ser um heróe; não, se a tua consciencia te disser que fizeste um heroismo, esta te bastará para compensar-te delle, e ti a tua consciencia te disser que fizeste um he-esta compensação será tanto maior quanto mais occulto, mais desaperecebido, elle se tenha passado.

Ivo (*Admirado*) — Então, ha heróes occultos?

ZILDA — Muitos! Sabes, aquelle engraxate que estaciona ali na esquina proxima?

Ivo (*Com pouco caso*) — Sei. E' um heróe porque engraxa bem os sapatos? Tambem, cobra duzentos réis!

ZILDA — Não porque engraxa bem os sapatos, mas porque, tendo ficado orphão com dez annos, sustenta com seu trabalho, não sómente a si, mas a uma irmãzinha que ficou com tres annos. Trabalha, paga um logar onde criam aquella menina e á noite, o pequeno heróe é visto em uma escola nocturna, applicado, estudando, para alcançar, mais tarde, um emprego mais lucrativo. Isto ha tres annos!

Ivo — Verdade?

ZILDA — Verdade. Então, dize-me, esse pequeno não é um heróe?

Ivo — Tens razão! e eu estou envergonhado de, tendo mais meios do que elle, não ser tambem um heróe.

ZILDA — Por isso te digo que trabalhes, illustres tua intelligencia, firmes teu coração, e com a intelligencia desenvolvida e o coração voltado para as grandes cousas, terás innumeradas occasiões de praticares actos de heroismo.

Ivo — Eu te prometto que nunca esquecerei o que me contaste do humilde engraxate, cujo heroismo me fascinou, mais do que esses que leio nos jornaes. Eu trarei sempre em mente esse exemplo e trabalharei por ser um heróe assim.

ZILDA — Eu tambem continuarei sendo:

(*Cantam*)

ZILDA — Obediente e estudiosa

Ivo — Eu tambem o hei de ser.

ZILDA — Sempre meiga e caridosa

Ivo — Assim tambem me has de ver.

ZILDA — Sendo o bem quem domina

Ivo — O bem que ao mal destróe,

ZILDA — Eu serei uma heroína,

Ivo — Eu serei um heróe.

M. M. MENDES TEIXEIRA.

15 de Novembro de 1916.